CHUMBO GROSSO

Kent Davis

RECOMEÇA UMA VIDA

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 110

TÍTULO: RECOMEÇA UMA VIDA

TÍTULO ORIGINAL: VIOLENCIA BAJO EL SOL

AUTOR: KENT DAVIS

TRADUTOR: IZABEL XRISÔ BARONI

CAPA: BENÍCIO

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1993

CHUMBO GROSSO

RECOMEÇA UMA VIDA

KENT DAVIS

Tradução de:

IZABEL XRISÔ BARONI

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMXCIII Publicação no Brasil
Título original:
VIOLENCIA BAJO EL SOL
Capa de: BENICIO
Editoração Eletrônica:
SEBASTIÃO TELES.
Impresso pela:
GRAFICA EDITORA LORD S.A.
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Novas esperanças, recomeço de uma vida

As botas velhas e empoeiradas pisavam nas pedras gastas do pátio, e as pisadas ressoavam mais alto do que nos dias normais. A cada passo mais se ia aproximando da parede gradeada que ficava no fundo do corredor.

E, enquanto ia andando, outras imagens antigas e distantes iam surgindo em sua mente. Imagens cruéis que provocavam sofrimento e revolta. Instantes fugazes, perdidos em sua memória durante os anos amargos, penosos, que gostaria de esquecer.

Recordou dois homens na rua principal daquele povoado calcinado pelo sol inclemente do Sudoeste, parados no meio da rua, e as sombras de seus corpos projetavam-se sobre a calçada.

Ambos estavam armados, com os braços caídos ao longo do corpo rígido, prontos para sacarem os Colts que se encontravam nos coldres.

— Dusty, viemos para matá-lo.

A resposta foi rápida e seca:

— Deixem-me em paz, não quero matar ninguém, mas tampouco estou querendo morrer.

E eles, insistiram:

— Não tem escolha, Dusty. Saque logo ou será um homem morto. Só sairemos daqui depois que ajustarmos as contas com você.

Sempre o mesmo. Sempre havia um ajuste de contas... Essa era uma história antiga e repetida.

As pisadas continuavam ressoando pelo pátio, e o som parecia-lhe cada vez mais monótono. A parede gradeada também ia ficando mais próxima. Quando a transpusesse poderia aspirar o ar com liberdade.

Por que aquelas imagens continuavam enegrecendo um momento que deveria ser de satisfação e paz?

Os dois homens sacando os Colts com a velocidade que só se alcança na prática profissional. As armas sendo colocadas em posição horizontal. O ruído peculiar ao serem destravadas e, em seguida, a língua de fogo, o estampido da pólvora, o sangue e a morte.

Tac, tac, tac... As solas gastas das botas marrons às vezes imitavam o ritmo de um relógio: tique, taque, tique, taque...

As armas rugindo na rua ensolarada, e o eco dos estrondos ressoando pelo povoado. Pessoas correndo para as cercas para saberem o que estava acontecendo, enquanto outras saíam da rua, procurando refugiar-se em algum lugar.

E, na frente dele, os dois homens ainda com as armas toa mão, fitando-o com surpresa e incredulidade. Olhares que refletiam uma perplexidade gelada, que só existe segundos antes de morrer sem saber por que e sem entender a razão porque se estava morrendo.

Em seguida, o final, ou o que lhe parecia o final. Os dois caindo lentamente, muito lentamente, enquanto manchas vermelhas apareciam em suas camisas. Dusty Miller jamais falhava ao disparar.

— Eu não queria... Foram vocês que me forçaram.

Foram as únicas palavras que disse depois de ter apertado o gatilho vezes seguido. Só tinha sacado depois de eles já estarem com as armas nas mãos, e disparou antes que pudessem fazê-lo. As balas dos adversários nem sequer puderam assustá-lo, porque quando os gatilhos foram acionados, os homens já estavam morrendo.

Não queria matá-los, mas o tinham forçado.

A questão era matar ou morrer. Algo tão simples, tão absurdo e, paradoxalmente, tão lógico. Aí voltou à realidade.

Já estava diante das grades. Parou. As botas silenciaram. O vento parecia soprar mais fresco. Um homem abriu a fechadura e o cumprimentou, sorrindo:

— Olá, Dusty.

Respondeu ao cumprimento com um movimento de cabeça. O portão de ferro se abrindo à sua frente. Depois um outro pátio e um outro portão ao fundo. O definitivo, que ficava ao lado de uma guarita. Andou pelo segundo pátio e ouviu a segunda chave girar na segunda fechadura. Um estremecimento percorreu-lhe o corpo. Outros continuavam lá dentro. Velhos camaradas, amigos feitos na prisão. Muitos talvez nunca mais saíssem.

Chegou junto à casa ladrilhada de vermelho. Um rosto apareceu na janela. Um homem de óculos e bigode.

— Assine aqui, Dusty, e apanhe seus pertences.

Apanhou a caneta que o outro lhe estendia. Assinou com alguns garranchos o seu nome e devolveu a caneta e o livro sebento. Recebeu um embrulho que continha seu cinturão, roupas e algum dinheiro. Depois, apanhou o chapéu, o revólver, sempre em silêncio.

Novas imagens começavam a desfilar por sua mente. E relembrou:

— Dusty, você está preso. Acaba de cometer dois homicídios.

Olhou para o homem que estava à sua frente, e os raios de sol fizeram cintilar a estrela de lata pregada à lapela do casaco, que não estava abotoado, deixando o Colt bem visível.

— Xerife, sabe que tudo não passou de um duelo legal — objetou. — Eles me desafiaram e sacaram antes que eu o fizesse. Na realidade, apenas me defendi.

— Está mentindo, Dusty. Sempre mentiu. É um assassino perigoso. Solte essa arma.

— Xerife, há testemunhas que assistiram ao que aconteceu.

— O que eu mais queria aconteceu hoje. Desejava apanhá-lo em flagrante, em pleno delito. Agora não terá escapatória. Sabe que ninguém vai testemunhar a seu favor. Aqui, não queremos pistoleiros. Será preso e julgado por duplo homicídio dos irmãos Riordan. Certamente acabará na forca, ou preso pelo resto de seus dias.

— Xerife Hartman, sabe que ninguém é condenado quando mata em defesa própria.

— Aqui as coisas são diferentes. O juiz Burke também o odeia, e o júri que vai condená-lo estará muito bem orientado — respondeu a autoridade com um risinho cínico. — Desta vez, não há como escapar.

— Não pensava que esta cidade fosse um abrigo de tantos covardes, de homens vís, que como você, só pensam em vantagens e fecham os olhos para a realidade.

— Dusty, sabe que nunca simpatizei com você, e aqui sou a lei. Todos farão o que eu disser.

— Entendo, serão bem capazes de me condenarem à forca, embora tendo certeza absoluta de que sou inocente. Nunca entendi por que me odeia, xerife.

— Agora acertou, porque sinto ódio e repulsa por você. Desafivele seu cinturão e jogue-o no chão. Depressa, pois já estou perdendo a paciência.

— Muito bem, ganhou desta vez, mas espero que algum dia pague caro pela sua falta de honestidade. Um homem torpe e indigno como você não devia usar essa estrela de lata.

Abaixou o braço para soltar o cinturão. O coração do xerife bateu com mais força por causa da raiva que se apossara dele. Rapidamente, apertou o gatilho. Disparou.

Dusty Miller curvou-se ao sentir a picada do chumbo em sua carne. Olhou para o antagonista com surpresa, quando notou o sangue a empapar-lhe a camisa, na altura de uma das costelas.

O xerife Hartman estava branco e mordia os lábios com força. Não compreendia por que havia perdido o controle ao ouvir o insulto. Reconhecia que sua resposta fora covarde.

O sangue latejou mais depressa pelas veias do ferido. Não soltou o revólver como pensava fazer. Também disparou com uma rapidez incrível.

Q xerife foi lançado para trás, enquanto a confiança aparente desaparecia de seu rosto para dar lugar à perplexidade. O Colt escorregou de seus dedos. Uma mancha vermelha surgiu à altura do ombro direito e um filete de sangue começou a escorrer por sua camisa. Caiu quase em seguida, sem perder os sentidos.

— Maldito, já avaliou a loucura que cometeu? Pagará por isso com a vida! Como pôde agredir um representante da lei?

— Você é um canalha, Hartman — respondeu Dusty, mantendo a mão sobre a costela ferida. — Poderia tê-lo matado, mas não gosto de matar. Jamais gostei de ceifar

vidas. Vou embora. Sei o que fiz e não me arrependo por ter feito.

O xerife não respondeu. O fluxo de sangue continuava aumentando, estava precisando de cuidados médicos. Dusty pôs a arma no coldre, montou no cavalo que estava amarrado perto do bebedouro do saloon e partiu a galope. Mas, apesar do som dos cascos do animal, ainda pôde ouvir:

— Só descansarei depois de caçá-lo, ordinário! Vou caçá-lo onde estiver, embora isso possa ser a última coisa que faça nesta vida!

Fingiu não ter escutado. Continuou o galope, e logo a distância apagou as palavras ameaçadoras, como um pesadelo.

— Adeus, Dusty. Desejo-lhe sorte, rapaz. Oxalá nunca mais retome por aqui.

Voltou à realidade e procurou arquivar as recordações. Olhou para o guarda que estava no portão principal. Sorriu-lhe vagamente.

— Obrigado, Moss. É o que também espero.

— Você não merece estar misturado com a escória que temos dentro destes muros — disse a sentinela, soltando o rifle para abrir o portão da penitenciária. — Fiquei satisfeito ao saber que foi indultado.

Sorriu e deu um tapa amigável no ombro da sentinela. Atravessou a soleira do portão. Uma esperança remota para a maioria dos presos.

O exterior não lhe pareceu muito acolhedor. Um calor agoniante. Um sol claro, forte, radioso, que quase o cegava. Uma poeira horrível, mas infinitamente melhor do que tudo que havia lá dentro, que ficava para trás, entre as sólidas paredes do presídio de Yuma.

— Adeus — disse simplesmente, começando a andar, afastando-se daquela fortaleza edificada quase no deserto.

— 11 —

Escutou o ranger do portão se fechando. Respirou fundo. Era como se naquele momento estivesse fechando um longo e doloroso capítulo de sua existência. Um período amargo e difícil, que continuaria por toda a vida como uma recordação tenebrosa.

Já dava o passado como findo, quando escutou a voz de Moss com seu último desejo:

— Dusty, espero que Morgan Keller nunca mais saia daqui...

Não conseguiu dominar o calafrio que lhe correu pela espinha.

Morgan Keller... Só a idéia de que algum dia aquele homem pudesse abandonar aquela fortaleza, deixava-o desassossegado como ninguém mais no mundo.

Enquanto caminhava lentamente para a cidade de Yuma, ajustou o cinturão. Estava imundo, coberto de pó que se acumulara durante os três anos que repousara na prateleira do almoxarifado. Comprovou que, apesar do tempo transcorrido, o revólver ainda funcionava relativamente bem. Pôs nos bolsos os objetos que lhe tinham devolvido ao sair: uma navalha, algumas moedas e cédulas, uma bolsa velha de couro com tabaco, fósforos imprestáveis, úmidos, quase mofados, as esporas...

Ajoelhou-se no solo poeirento para ajustá-las às botas.

O calor estava asfixiante.

Agora não tinha cavalo, mas teria um algum dia. Um homem sem cavalo no sudoeste selvagem era como um náufrago perdido entre ondas revoltas sem ter uma tábua onde se segurar.

Enquanto caminhava para Yuma, sob o sol implacável da manhã, novas recordações acudiam à sua mente.

A fuga de Gila Bend, depois de ter ferido o xerife Hartman, a perseguição de seus comissários e, finalmente,

o cerco realizado na Serra da Estrela. A morte de sua montaria, a captura e o regresso a Gila Bend para ser julgado por duplo homicídio, resistência à ordem de prisão e agressão ao xerife. Muitas acusações para sair absolvido.

O juiz Burke, implacável com os pistoleiros que odiava. O promotor satírico cumprindo seu papel. O júri parcial, as testemunhas orientadas e a sentença.

Dez anos de pisão na penitenciária de Yuma.

Uma condenação longa demais para um homem jovem e amante da liberdade.

Depois, dias difíceis entre as grades. A lenta e penosa integração à dura vida carcerária. Os trabalhos forçados na pedreira, as intermináveis noites em claro, deitado no catre, junto a escória da sociedade, entre assassinos, ladrões e foragidos perigosos e cruéis.

Assim, um ano após outro. Todos os dias iguais, até quando um dos presidiários, Morgan Keller, resolveu liderar um motim para poder fugir com alguns homens.

Morgan Keller era um assassino com mais de vinte mortes pesando em suas costas. Era um sádico cruel, um tipo que adorava matar. Fora condenado à prisão perpétua pela violação de duas mulheres e quatro assassinatos. De início, condenaram-no à forca, mas um indulto generoso livrou-o da morte.

O plano quase triunfou. Teria dado certo se não tivesse assassinado uma das sentinelas com uma coronhada na nuca e se, mais tarde, não tivesse planejado matar os outros quatro vigilantes que mantinha como reféns.

Tinha convidado Dusty para tomar parte na fuga. Era um pistoleiro conhecido e talvez pudessem trabalhar juntos.

Tudo teria tido outro desfecho, se o assassino não tivesse comentado sua intenção de matar os reféns.

Dusty agiu com rapidez e surpreendeu o líder do plano. O tiroteio travado foi horrível e, quando terminou, dois companheiros de Keller jaziam no chão. Estavam mortos. Morgan e um outro ficaram feridos. Dusty também tinha recebido um balaço, apenas superficial. A fuga fracassara. Keller foi removido para uma cela de isolamento, onde ficou até curar-se.

Dusty foi atendido na enfermaria da prisão, e o alcaide remeteu uma informação ao governador do Território do Arizona, na qual narrava a tentativa frustrada de fuga.

Dias mais tarde, o governador assinou um indulto a favor de Dusty Miller, elogiando-o por ter evitado a morte de quatro vigilantes. Os dez anos ficaram reduzidos a três.

Morgan Keller vivia apregoando que um dia ainda haveria de matar o traidor.

Agora, tudo se esfumaçava no passado. A sua frente estava a liberdade. Os dias de desespero haviam ficado para trás.

Era um homem jovem e ia fazer o que fosse preciso para iniciar uma nova vida, sem crimes, mortes ou prisões.

CAPÍTULO SEGUNDO

Uma viagem que poderia ser calma

A diligência entrou na rua principal, levantando uma densa nuvem de poeira vermelha, e só parou na frente dos escritórios da Southwest Overland Mail and Co., que estavam instalados numa velha edificação de madeira, ao lado do saloon mais concorrido de Yuma.

O cocheiro e seu auxiliar saltaram da boléia tossindo, cuspindo e reclamando, como faziam habitualmente, enquanto sacudiam os guarda-pós para se livrarem do excesso de poeira acumulada durante a viagem.

Os passageiros começaram a descer do veículo quase em seguida. Os que iam ficar em Yuma queriam recolher as bagagens que estavam no teto do carro, e os que iam prosseguir a viagem somente desejavam esticar as pernas e tomar alguma bebida na cantina, pois estavam com as gargantas ressecadas.

— O caminho para Yuma está ficando pior — reclamou o cocheiro. — Cada vez que venho, está mais cansativo... Se eu tivesse dinheiro, ia deixar de trabalhar!

— Pare com essas reclamações. Bronco. Você tem que continuar, e cada vez que chega aqui parece mais rabugento — riu o encarregado da estação. — Já está fazendo esta rota há anos e não devia surpreender-se ou zangar-se porque ela tem muitos atrativos.

— Vá para o inferno, Burt — grunhiu o cocheiro, espreguiçando-se e bocejando, antes de ir para a cantina. — Vou molhar a goela, que está tão áspera como se fosse uma lixa. Essa estrada estraga qualquer desgraçado.

Naquele instante um homem jovem se aproximou do guichê da estação. Não carregava mala ou mochila, apenas um pacote sob o braço. Entregou algumas moedas a Burt e perguntou:

— Quero ir a Gila Bend. Há lugar vago na diligência?

— Sim — respondeu o funcionário, depois de consultar a lista de passageiros. — Três pessoas desceram aqui em Yuma, e você poderá até se esparramar, se quiser, salvo se aparecer outro viajante.

— Imagino que a estrada continue tão ruim como sempre foi.

— Pode ter certeza de que sim. Se faz tempo que não transita por ela, comprovará a realidade assim que a viagem começar — riu o empregado, entregando-lhe um papel verde que valia como passagem. — Agora, pelo menos, não há os apaches que viviam assaltando as diligências. Neste ponto saímos ganhando, mas o resto segue tal como sempre foi.

O jovem sorriu e se afastou do guichê. Caminhou sem muita pressa pela calçada, procurando ficar sob a sombra que se projetava do alpendre, porque o sol estava cada vez mais forte. Viu passar alguns passageiros, enquanto outros iam direto para a cantina.

O cocheiro empurrou a porta de vaivém e gritou, avisando:

— Senhores passageiros, só têm uma hora para descansar!

Entrou e foi-se encostar no balcão. Precisava tomar algumas cervejas para matar a sede de horas. Os passageiros já estavam fazendo o mesmo.

Apenas uma pessoa que tinha descido da diligência não entrou na cantina e, se pensasse fazer isso, certamente seria barrada na porta, porque mulher ainda não tinha permissão para frequentar bares, com exceção das que trabalhavam nas casas, servindo os fregueses e os distraindo. A moça estava com aspecto fatigado e vestia-se com muita elegância. Sentou-se numa cadeira à entrada da estação e ficou aguardando que os minutos passassem para a viagem ser reiniciada.

— Senhorita, posso ajudá-la em alguma coisa? — ofereceu-se o empregado da Southwest. — Não gostaria de tomar um copo de leite ou um refresco de salsaparrilha?

— Preferia o refresco — sorriu ela, enxugando o rosto com um lenço verde enfeitado com renda branca. — O senhor é muito amável, e estou com muita sede.

O homem não disse mais nada e caminhou para o saloon, a fim de buscar o refresco.

O viajante que havia comprado a passagem naquele instante encostou-se na amurada do alpendre e a ficou olhando com surpresa e admiração. Era linda, parecia distinta, tinha um tipo que dificilmente se poderia encontrar por aquelas terras incultas e selvagens. Era elegante, loura, e com dois olhos azuis luminosos. Estava trajando um vestido cor-de-malva, com adornos negros. Um chapéu muito requintado, da mesma cor, cobria seus cabelos dourados e ondulados.

Quando ela percebeu que estava sendo analisada dos pés à cabeça, fitou-o fixamente, e o rapaz, naquele instante, lamentou por estar usando roupas tão velhas e desbotadas.

Afastou os olhos rapidamente e olhou para a rua.

— O senhor sabe se o resto da viagem é tão cansativo como o que ficou para trás? — perguntou a moça inesperadamente.

Surpreendeu-se o rapaz ao escutar sua voz doce e suave.

— Depende de para onde a senhorita está indo.

— Vou para Gila Bend.

— Gila Bend? Muita coincidência, porque também estou indo para lá. Já faz algum tempo que não faço essa viagem, senhorita, mas imagino que continue tão desconfortável como sempre foi. E tem mais: pouca diferença fará do trecho que já percorreu. Garanto como as duas partes serão bem parecidas.

— Agora me sinto melhor, porque pensei que me fosse dizer que era pior — respondeu a jovem, com um toque de ironia.

— Está viajando sozinha? — perguntou o homem, dando alguns passos em sua direção.

— Sim. Disseram-me que a rota não era perigosa, ou melhor, não era das piores...

— Bem, antigamente era infestada de apaches, mas agora estes deixaram de criar problemas na região. Porém sempre existe a possibilidade de as diligências serem atacadas por bandos de ladrões. No entanto não fique assustada, porque realmente esta rota não é das mais escolhidas por eles.

— Não pode imaginar como suas palavras me acalmaram — comentou ela.

O empregado da companhia aproximou-se com um copo grande de refresco de salsaparrilha para a jovem. Atrás dele, vinha um homem ainda moço, bêbado, que mal se sustinha em pé, cantarolando com voz bem engrolada. Seu aspecto era imundo, estava com a barba por fazer, cabelos despenteados e roupas quase em farrapos.

A canção que cantava não era muito adequada aos ouvidos de uma dama, pois tinha a letra salpicada de obscenidades. O funcionário da Southwest Overland mostrou-se contrariado, mas preferiu nada falar, porque o sujeito estava carregando um “45” na cintura.

Parou perto da moça e ofereceu-lhe o copo de refresco com um sorriso amável, desculpando-se de forma queixosa:

— Perdoe-nos, senhorita. Mas há gente que abusa da bebida e não sabe mais o que canta. Infelizmente, quase sempre há pessoas assim por aqui. Procure ignorá-lo, por favor, e não se aborreça.

— Farei o possível para não o ouvir — sorriu ela, ao apanhar o copo. — Obrigada. Quanto lhe devo?

— Por favor, a senhorita não está devendo nada. O refresco é simplesmente uma cortesia da companhia.

Nesse momento, o bêbado subiu os degraus do alpendre com passos incertos e corpo cambaleando. Apoiou-se em uma das traves de madeira, sacou o revólver com mão insegura e começou a girá-lo no dedo indicador, enquanto soltava risadas e continuava dizendo uma série de obscenidades.

O jovem, que mal tinha comprado a passagem para Gila Bend, olhou fixamente para ele.

O empregado da companhia preferiu entrar nos escritórios para não complicar ainda mais a situação. A jovem provou o refresco, fingindo não ouvir nada.

De repente, o ébrio começou a disparar.

A rua foi invadida pelos estampidos e, quase no mesmo instante, uma lata vazia que estava no chão foi alcançada por um projétil. Depois, ele levantou o braço com gestos lentos e disparou de novo, quebrando o vidro de uma casa do outro lado da rua.

Subitamente, as circunstâncias começavam a ficar perigosas. Um sujeito ébrio tinha resolvido esvaziar o tambor de sua arma aloucadamente, enquanto ria como um possesso. Uma terceira bala passou rente à cadeira que a jovem ocupava e foi cravar-se na parede dos escritórios da Southwest Overland.

A moça gritou sobressaltada e levantou-se bruscamente. O copo resvalou de suas mãos e espatifou-se no chão. O grito e o barulho do vidro se quebrando assustaram o bêbado. Girou a cabeça e, o pior, também girou a mão armada... Seu dedo tremia apoiado no gatilho.

Preparava-se para disparar e, desta vez, a moça loura encontrava-se justamente sob a mira da arma.

O rapaz que estava parado junto dela agiu com rapidez. Sua mão desceu ao coldre com a velocidade de uma centelha. Sacou a arma e a destravou em décimos de segundo. Em seguida, o Colt chamejou com um estrondo seco, antecipando-se ao inevitável. disparo do bêbado.

Este lançou um grito rouco de dor e surpresa quando sua mão direita ficou totalmente coberta de sangue, com os dedos partidos e sem força para susterem a arma. Mesmo ferido, fez um esforço enorme, e conseguiu acionar o gatilho pela última vez, antes do Colt cair.

O projétil novamente passou rente à jovem e foi espatifar a porta de vidro da companhia de transportes.

A moça estava branca, sem um pingo de cor nas faces, e imediatamente compreendeu que se salvara por milagre.

E o milagre fora aquele jovem desconhecido com que esteve conversando havia poucos momentos, e que ainda segurava o Colt fumegante que havia destroçado a mão do ébrio, que agora soluçava, encolhido no solo, contemplando a mão inutilizada.

— Maldito imbecil — murmurou o rapaz, olhando para o ferido. — Poderia tê-lo matado... Essa experiência vai ensiná-lo a não abusar da bebida. Merecia ter recebido um tiro na cabeça, seu estúpido.

— Minha mão... — soluçava o ferido. — Minha mão, eu não sabia... Agora minha cabeça está mais desanuviada... Eu não entendia.

Muitas pessoas tinham chegado correndo. Os viajantes que estavam na cantina também saíram para saber qual o motivo do tiroteio.

Rapidamente, todos rodearam a moça, interessados em seu estado. Alguém carregou o homem ferido para o consultório médico. Ele obedeceu sem relutar, mas deixou um rastro de sangue por onde passou.

— A senhorita está bem? — perguntou o cocheiro, ainda com um copo de cerveja na mão, demonstrando real preocupação pela dama, que estava silenciosa e abatida.

— Sim... — ela conseguiu sussurrar. — Aquele bêbado virou a arma em minha direção... Ia matar-me... Porém esse jovem o impediu...

Agora todos olhavam para o autor do disparo salvador, que guardava o Colt lentamente.

A jovem também olhou para ele e lhe sorriu com meiguice. O homem deu alguns passos em sua direção para acalmá-la.

— Lamento por tê-la assustado, senhorita. Se tivesse adivinhado o desenrolar dos fatos, juro como não teria permitido que aquele doido desse o primeiro tiro.

— O senhor não precisa desculpar-se. Agiu com rapidez e muito oportunamente. Não sabe como lhe sou grata, senhor...

— Miller — respondeu prontamente, tocando a aba do chapéu com os dedos. — Dusty Miller, senhorita. O que fiz

não tem importância, felizmente tive oportunidade de salvá-la.

— Nunca poderei esquecer-me do que fez por mim, senhor Miller — o sorriso agora tomava-se mais acentuado.

— Creio que isso não é conveniente. O melhor será esquecer para não mais recordar-se deste incidente desagradável, uma vez que nada de mal lhe aconteceu. Estas terras, muitas vezes, têm surpresas inesperadas. A senhorita não é daqui?

— Não — negou ela suavemente com a cabeça. — Sou de Sacramento, na Califórnia. Esta é a primeira vez que piso no Arizona.

O jovem sorriu, procurando suavizar a tensão reinante na rua de Yuma, depois do incidente dramático que poderia ter terminado em tragédia.

— Parece que o Território do Arizona não lhe preparou uma recepção muito agradável. Esperamos que, para o futuro, se porte melhor com sua nova hóspede.

— É o que também espero — respondeu a moça, procurando esconder a inquietude que sentia.

* * *

A diligência rodava a boa marcha através da planície deserta que separava Yuma do resto do Arizona.

As torres do Telegraph já começavam a recortar o horizonte, bem lá longe, contra o céu azul-anil sem uma nuvem.

As rodas altas da diligência saltavam sobre as asperezas e irregularidades do terreno, provocando um sacolejo incômodo no interior do veículo, o que não agradava a nenhum dos cinco passageiros, uma vez que não estavam

interessados em bailes longos e inconvenientes. Mais um incômodo para juntar-se aos outros da viagem.

Pelas janelas não entrava um pingo de vento, mas excesso de poeira vermelha e o ar quente da tarde, provocando maior desconforto para as pessoas que tinham que permanecer dentro daquela caixa de madeira.

Dusty Miller ocupava um assento junto à janela e, por coincidência, bem à frente da jovem de cabelos louros-dourados que salvara de uma morte estúpida na cidade de Yuma.

Agora viajavam para seu ponto de destino: Gila Bend, enquanto os outros três viajantes seguiriam até o término da rota das diligências, em Casa Grande.

Pouco a pouco, as recordações desagradáveis pareciam ir ficando mais esquecidas, e o rosto da moça já estava adquirindo, progressivamente, um ar mais sereno.

Os outros ocupantes da diligência tinham o tipo habitual dos passageiros daquele meio de transporte: um deles já era de meia-idade, gordo e calvo, de casaca elegante e colete floreado; outro era um indivíduo alto e macilento que usava roupas negras e tinha tipo de jogador profissional; o terceiro era um mestiço, caladão, de fisionomia fechada, como que talhada em pedra.

Algumas vezes, a voz do cocheiro, forte e estrondosa açulando os animais, chegava até o interior da diligência, ressoando acima do galope das patas e do barulho das rodas.

CAPÍTULO TERCEIRO

A força do destino dirige os homens

Os três viajantes levavam a maior parte do tempo cochilando, mas os dois jovens permaneciam acordados.

A moça parecia muito interessada na paisagem monótona que desfilava pela janela da diligência. Era plana e, só de quando em vez, surgiam algumas "mesas argilosas" que nada mais eram do que morros de argila que foram-se tomando petrificados ao decorrer dos séculos. Às vezes, também apareciam alguns grupos de rochas vermelhas, que davam um encanto especial à paisagem agreste e desértica.

— A senhorita tem família em Gila Bend? — perguntou ele repentinamente, depois que ambos estavam calados há algum tempo.

Ela primeiro o fitou com surpresa e com um leve sobressalto. Em seguida, sorriu e negou com a cabeça.

— Tinha, até há pouco tempo — respondeu quase que num sussurro. — Meu pai faleceu há alguns meses. Morava em Gila Bend, e é por sua causa que estou viajando para lá.

— Perdoe-me, eu não precisava ser tão indiscreto.

— Não precisa me pedir desculpas; senhor Miller. Eu e meu pai nunca nos vimos. O senhor pode achar estranho isso, mas é a verdade. Nós nunca nos vimos, ele não me reconheceu e nem me deu seu nome.

Dusty naquele instante se sentiu contrafeito, mas a moça continuou com naturalidade:

— Sou filha natural, senhor Miller. Minha mãe foi abandonada por meu pai, meses antes de eu nascer. Ele era um homem importante e ela, uma cantora de saloon. Nasci na Califórnia, e meu pai jamais se preocupou comigo.

— Não precisa me contar tudo isso, senhorita. Nem sei por que lhe fiz uma pergunta tão indiscreta.

— Não a considerei desse modo, senhor Miller, e nem me importo de lhe contar a história de minha vida. Sempre tive orgulho de minha mãe, fosse qual fosse seu modo de viver. Sei que se sacrificou muito para me dar a educação que tenho, pagar os colégios que frequentei. Mamãe sempre dizia que desejava, que sonhava, ter uma filha finamente educada, uma verdadeira dama, para nunca precisar trabalhar em empregos subalternos. Que jamais me queria cantando pelas cantinas e saloons espalhados pelas cidades do oeste. Mamãe era uma pessoa especial. Foi quem me ensinou a não guardar rancor de meu pai, apesar de seu comportamento. Quando ela morreu, me deixou meios para viver dignamente, sem pedir ajuda a qualquer pessoa. Sempre me mantive sozinha e, agora, de repente, recebo uma carta comunicando-me a morte de meu pai, e esclarecendo que ele morreu arrependido pelos erros cometidos na mocidade e que, na velhice, lembrou-se de mim como jamais havia acontecido anteriormente.

— Compreendo. Agora a senhorita está pensando em visitar sua tumba e orar pela salvação de sua alma...

— Pensei nisso, mas não foi este o motivo que forçou esta viagem a Gila Bend. Meu pai, um pouco antes de morrer, fez um testamento e me nomeou sua herdeira. Estou viajando para entrar na posse dessa herança inesperada. Não entendo como as coisas acontecem nesse mundo. Não

entendo qual é a força do destino que controla a vida das pessoas. O homem que me deu a vida jamais quis me conhecer. Nunca me procurou ou ajudou mamãe a me criar. Agora, depois de morto, me converte em sua herdeira, dona de seus bens. Confesso que nunca pensei viver uma situação tão estranha.

— Seu pai não tinha outros parentes?

— Parece que tinha um sobrinho e um sócio, não sei bem. Só sei o que me foi comunicado na carta que o advogado testamenteiro me remeteu quando eu ainda estava em Sacramento.

— Entendo, um motivo de tal importância justifica uma viagem tão longa e cansativa.

— É verdade, mas se ele tivesse chamado quando estava pensando em mim, eu teria vindo correndo, sem pensar na herança. Mamãe me orientou de tal maneira, que acho que acabei quase amando meu pai. Ela nunca permitiu que a menina ou a jovem o odiasse. Mamãe realmente foi uma mulher muito especial, e sinto orgulho por ter sido sua filha.

— Já tinha percebido, senhorita. Ela soube criar uma filha que é uma verdadeira dama e também soube cultivar sua sensibilidade. Nota-se que seu coração é brando, que é uma mulher carinhosa e que não possui resquícios de rancor. Isso é lindo, muito lindo!

— Concordo que sim e, sinceramente, não gostaria de sentir rancor por alguém.

— O ódio jamais foi construtivo e nunca produtivo — Dusty abaixou os olhos e continuou: — No entanto, muitas vezes, a gente o sente sem querer.

— O senhor é um homem rancoroso? — perguntou ela, fitando-o com ingenuidade.

— Antes eu não conhecia este sentimento negativo, mas certas coisas aconteceram e me fizeram mudar. Infelizmente, agora me julgo um homem rancoroso, senhorita.

— Não acredito que um homem tão jovem tenha motivos suficientes para se julgar assim. Não acredito que tenha tido muitos desenganos para pensar de forma pessimista.

— Comecei a viver intensamente quando ainda era muito menino. Ainda era um adolescente quando me defrontei com as experiências da maturidade cruel, e estas em sua maioria não foram muito gratificantes para mim.

— Lamento sinceramente. Não imaginava que já tivesse sofrido decepções na vida. O senhor não tem família?

— Não, não tenho mais ninguém — respondeu Dusty com alguma tristeza. — Se lhe falasse sinceramente, diria que nem tenho um lugar onde me hospedar...

— O senhor não me disse que ia para Gila Bend?

— Sim, é para lá que estou indo — respondeu ele, e repentinamente os olhos cinzas, que até aquele momento tinham estado gelados, sofreram uma leve contração e brilharam de forma estranha. — Existem algumas coisas me esperando em Gila Bend...

— A senhorita ainda não percebeu? — falou o homem gordo e calvo que acabava de acordar. — Aposto tudo que quiserem como esse rapaz que tomou a diligência em Yuma é um ex-presidiário. Basta ver seu aspecto. Tenho certeza de que acabou de sair da penitenciária daquela cidade.

A jovem teve um leve sobressalto. Os olhos azuis ficaram mais abertos. Dirigiu um rápido olhar para o homem obeso e calvo que estava usando um colete floreado, e em seguida para seu interlocutor.

O tipo indiscreto também parecia surpreso e sem jeito.

— Perdoe-me — murmurou. — Quando falei, não quis molestá-lo, senhor Miller.

Dusty encarou-o friamente e explicou:

— Não existem motivos para eu esconder minha real situação. Não há necessidade de negar que saí hoje de manhã daquela prisão maldita. Passei ali três anos por um delito que não cometi. Suponho que é isso mesmo que todos falam, e desconfio que não acreditarão em mim. Porém, como sei o que aconteceu, não preciso que confiem em minhas palavras.

— Mais uma vez, desculpe-me — balbuciou o viajante inoportuno, engolindo em seco e desviando os olhos, sem coragem de encarar o olhar penetrante de Dusty. — Meu amigo, não tive intenção de molestá-lo.

— Agora não adianta pedir desculpas, porque já me molestou — respondeu o rapaz secamente, cortando desse modo a conversa.

Todos ficaram calados por algum tempo, e a moça foi a primeira que falou, com voz suave, que serviu quase como um sedativo para acalmar a irritação de Miller.

— Eu não acredito que o senhor seja um criminoso — murmurou. — Um homem com sua integridade não pode cometer quaisquer atos menos dignos.

— Obrigado — a voz do rapaz estava tema e emocionada. — Nem pode imaginar como me faz bem saber que confia em mim.

Ela não soube o que responder, mas sentiu uma quentura estranha no rosto. Desviou os olhos para a janela e ficou contemplando a paisagem empoeirada, agreste e deserta.

Quando em seguida, a carruagem começou a ser freada com brusquidão, arrastando e forçando as rodas violentamente sobre a terra dura e ressecada.

Pouco depois, os primeiros disparos ecoaram pela planície descampada e, logo em seguida, um grito rouco foi ouvido na boléia do veículo.

— O que está acontecendo? — gritou o jogador, acordando sobressaltado.

— Os bandidos! — exclamou o tipo calvo e barrigudo, com voz trêmula. — Tenho certeza de que é o bando de Shake Nolan!

O mestiço olhou para os companheiros de viagem e falou com voz calma, sem mover um músculo do rosto.

— Só podem ser os homens de Shake Nolan. É o bando mais perigoso, e ultimamente não se afasta desta estrada.

A moça ficou branca e olhou para Dusty, com medo.

— E agora o que vai acontecer? — perguntou.

— Fique calma — disse Miller, sacando o revólver.

Fique calma, porque nada lhe acontecerá.

— Acho melhor guardar esse revólver, porque se o bando for realmente o de Shake Nolan nada poderá fazer — avisou o homem de roupas negras e aspecto de jogador profissional. — Eles são muitos e nenhum de nós tem agilidade para lhes fazer frente. Não costumam agredir as pessoas. Apenas roubam tudo o que carregam. Esse é o hábito do bando. Não agridem, não matam, mas roubam tudo o que podem.

— Não estou carregando nada que queiram roubar, mas não gosto que me assaltem — retrucou Dusty Miller, secamente.

— Esse homem disse a verdade — interveio o mestiço de novo. — Acho melhor ninguém resistir.

A diligência agora estava parada e, quando Dusty espiou pela janela viu seis cavaleiros aproximando-se. Cinco armados com rifles e um carregando somente um revólver. O auxiliar do cocheiro continuava gemendo na boléia, e as sombras de ambos projetadas no chão mostravam que estavam de braços levantados. Certamente, tinham-se entregado sem demora, para evitar males maiores.

Um dos bandidos falou em voz alta e áspera:

— Assim fica melhor, amigos. Quando Shake Nolan está trabalhando, não brinca ou perde tempo! Agora, os viajantes comecem a descer com as mãos na cabeça, docilmente, sem fazer coisa alguma que me desgoste. Obedeçam ou será pior para todos! Vamos, comecem a descer com os braços bem levantados, amigos!

Um dos cavaleiros se aproximou da porta da diligência. Estava com o rosto coberto com um lenço negro à guisa de máscara e carregava um Colt “45”, destravado, na mão direita. Os outros homens carregavam carabinas Winchester.

Dusty olhou para os companheiros de viagem, mordeu o lábio inferior e deixou o Colt cair no chão da carruagem.

— Não posso prejudicar os outros com minha atitude — murmurou, contrariado.

Abriu a porta e foi o primeiro a descer, com os braços bem levantados. Os outros foram descendo atrás dele, inclusive a jovem de cabelos dourados. A moça não levantou os braços. Quando o chefe do bando a viu, seus olhos negros relampejaram por cima do lenço preto atado na nuca.

Depois ele passou os olhos pelo interior da diligência, para ver se havia mais alguém dentro do carro.

— É assim que gosto, todos obedientes! — falou. — Agora joguem as armas no chão, ou este revólver começará a cantar uma canção muito desagradável.

O jogador retirou uma Deringer de dois canos de dentro do casaco e a jogou no chão. O mestiço apenas apanhou uma faca de caça, e o gorducho careca com o rosto molhado de suor avisou com rapidez:

— Juro que não carrego arma alguma... Nunca usei armas, sou um homem pacífico!

Os olhos do bandido se fixaram em Dusty. Primeiro, olharam para o coldre vazio, e quase em seguida seu dedo começou a pressionar o gatilho, como se fosse disparar.

— E você? Onde está seu revólver? — perguntou.

— Saí hoje da penitenciária de Yuma, e só me entregaram o cinturão e o coldre. Quando entrei para aquela masmorra, tampouco carregava alguma arma.

— Então é um ex-convicto? — riu o mascarado. — Rapaz, garanto que Shake Nolan nunca vai descansar lá dentro. Agora, joguem no chão tudo que levam de valor. Sei que quem sai da prisão não traz muita coisa, mas mesmo assim jogue tudo que tem nos bolsos, presidiário. Ora, ora, que dama mais charmosa e elegante... — falou como se só então tivesse visto a moça.

Os outros bandidos, que também estavam com os rostos cobertos com lenços, se aproximaram, e somente um deles continuou mantendo o cocheiro e seu auxiliar sob a mira do rifle.

— A garota é linda demais, Shake — comentou um dos bandidos, com admiração. — Nunca vi outra mais bonita, mais elegante e distinta...

A moça estava assustada e olhava para os mascarados com medo, sentindo que todos a fitavam com gula, e isso a deixava ainda mais preocupada.

De repente, Shake Nolan soltou uma risada e sugeriu aos companheiros:

-Tive uma idéia maravilhosa. Depois de esvaziarmos os bolsos desses patetas, levaremos a pequena conosco. Juro como passaremos um dia divertido e inesquecível, camaradas.

— Miseráveis! — rugiu Dusty, avançando para eles com fúria.

O revólver do chefe do bando vomitou chumbo com uma velocidade incrível. As balas espocaram perto das botas de Dusty Miller, forçando-o parar.

— Faça mais um movimento, ex-presidiário, e o deixarei esparramado aí no chão! — ameaçou Nolan, friamente.

Os objetos de valor foram caindo no solo vermelho: relógios de ouro, uma corrente e moedas do mesmo metal, anéis, dinheiro, um chaveiro de prata... Somente a jovem ainda não fora forçada a entregar as joias e o dinheiro que devia ter na bolsa, mas um dos homens a segurava pelo braço.

Dusty estava furioso e permanecia sob a ameaça das armas, sem poder fazer o mais leve movimento. Os outros assistiam à cena passivamente. Ninguém parecia preocupar-se com a sorte que pudesse ter a companheira de viagem.

— Sequestro é delito grave — disse Dusty em certo momento. — Se for preso, poderá ser enforcado.

— Cale-se, imbecil — rugiu Shake Nolan. — A mim ninguém diz o que devo ou não fazer. A garota é nossa e faremos com ela tudo o que tivermos vontade.

— Malditos, se fizerem alguma coisa com ela, pagarão caro pela infâmia!

— Cale-se, idiota! Não se encontra em condições de ameaçar quem quer que seja. Posso acabar com você neste instante. Não entendo por que está tão zangado, se prometemos dar um dia glorioso a essa garota preciosa. Será amada por todos nós e só receberá carinhos, tanto de mim como de meus homens. Tenho certeza de que passará horas felizes e inesquecíveis.

O bandido soltou uma gargalhada, e os outros o imitaram. Dusty sabia o que tinham em mente. A moça seria ultrajada, usada por todos eles e, quando se cansassem dela, a assassinariam, para evitar problemas maiores. Só em pensar no que poderia acontecer, se sentia desesperado.

A jovem olhou para ele e, logo em seguida, para os bandidos. Foi naquele instante que entendeu perfeitamente o que lhe estava reservado. Gritou com desespero. Desvencilhou-se das mãos que a prendiam e começou a correr pelo descampado, gritando:

— Não! Não podem fazer isso comigo!

Shake Nolan riu divertido. Permitiu que ela se afastasse correndo, depois fez um gesto para um de seus capangas e ordenou:

— Vá buscar a ferinha, já perdemos muito tempo aqui. Não podemos ficar retardando a viagem da diligência, que tem hora certa para chegar.

Os bandidos que o acompanhavam riram, e dois deles começaram a andar na direção da moça loura, com a intenção de barrar-lhe a passagem.

Dusty naquele momento se achava perto da diligência. O carro estava com a porta aberta, e todos interessados em ver como a jovem ia reagir ao cerco.

Ele aproveitou aquele momento com rapidez fulminante. Correu para o carro, esticou o braço e apanhou

o revólver. Depois, virou-se com a mesma velocidade, enquanto destravava a arma.

Tudo aconteceu em décimos de segundo, antes que algum dos bandidos tivesse pressentido sua manobra.

Alcançou os dois com uma pontaria incrível. Os dois projéteis foram precisos e exatos. Naquele instante sua intenção era matar, porque sua vida e a da jovem indefesa estavam correndo perigo. Se não matasse aqueles assassinos, tanto ele como a jovem companheira de viagem seriam eliminados.

Os dois facínoras caíram com a cabeça esfacelada e tiveram morte fulminante.

Shake Nolan urrou de raiva. Voltou-se rapidamente, disposto a liquidar o único homem que tivera coragem para desobedecer-lhe. Não esperava tamanha audácia daquele ex-presidiário. Quando ficou de frente para Dusty, de arma em punho apontando para seu coração, já era tarde demais.

Dusty Miller, com rapidez estonteante, apertou o gatilho. Shake gritou de dor quando sentiu o chumbo penetrando em seu ombro direito. O braço caiu inerte ao longo do corpo. Os dedos se abriram, e o Colt resvalou lentamente, até cair no chão.

— Fique quieto, miserável — avisou Dusty, com dureza. — Mantenha-se imóvel, ou estouro sua cabeça!

Naquele momento, os outros bandidos fizeram menção de disparar para defenderem o chefe do bando, mas Shake Nolan levantou o braço esquerdo, o sadio.

— Não façam nada! Se fizerem alguma coisa, esse cara é capaz de cumprir suas ameaças! É um desgraçado. Há muito tempo não via um pistoleiro de seu gabarito!

Dusty Miller agora já se encontrava próximo do cavalo que Nolan estava montando, e tinha o cano da arma quase encostado em suas costelas.

— Se eu apertar o gatilho, arrebentarei suas tripas, covarde! — ameaçou, quando tirava o rifle da sela com a mão esquerda. — Vocês também, soltem esses Winchester e todas as armas que carregam. Obedeçam-me, ou matarei o cabeça do grupo.

— Não ouviram ele falar, desgraçados? Obedeçam — rugiu Shake com fúria. — Esse cara é capaz de tudo...

Os bandidos se entreolharam e obedeceram ao chefe com muita má-vontade. Quando os Winchester bateram no chão duro, Dusty virou-se para os passageiros da diligência e falou:

— Acho que é hora de vocês fazerem alguma coisa, droga! Pelo menos, recolham as armas, os outros objetos que estão no solo e os coloquem dentro da diligência. Parece que estão desejando que eu faça tudo sozinho!

— Você não precisa de ajuda, amigo — comentou o mestiço gravemente, começando a recolher as armas. — Não deixa de ter carradas de razão. Defendeu sua pele, mas nem por isso deixou de nos proteger.

A jovem, quando corria para se livrar dos perseguidores, tinha tropeçado e caído. Agora, continuava no chão, olhando com assombro e esperança para os homens que estavam perto da diligência.

— Se me obedecerem, nada sofrerão, porque não sou assassino — dizia Dusty naquele instante. — Agora, desafivelem os cinturões e os deixem cair, mas não tentem algum golpe, porque meu dedo é rápido que nem fagulha!

Novamente obedeceram em silêncio. Dusty Miller se afastou lentamente de Shake Nolan, sempre mantendo a arma apontada para sua barriga.

— Agora, desapareçam daqui. Desapareçam o mais rápido possível, a todo galope. Se se aproximarem de novo desta diligência, não terei piedade, matarei sem pestanejar.

Mais uma vez, os bandidos obedeceram em silêncio. O homem com aspecto de jogador recolheu todas as coisas que estavam jogadas no chão e colocou-as embaixo de um dos bancos da diligência. Porém, quando a distância já estava razoável, Shake virou-se

na sela e gritou com raiva:

— Espere, porque voltaremos, presidiário! E quando nos encontrarmos, serei eu quem cantará o hino da vitória!

Pouco depois, desapareciam na nuvem de pó que as patas dos cavalos levantaram.

O cocheiro respirou fundo e disse:

— Se você não estivesse aqui, não sei o que teriam feito conosco, e a garota bonita teria vivido os piores momentos de sua vida.

Dusty não respondeu e caminhou para onde ela estava. Já tinha se levantado, e agora sacudia o pó acumulado nas roupas.

— Como está, senhorita? Não se machucou? — perguntou ele.

A jovem colocou a mão em seu braço e o fitou com os olhos azuis muito abertos e emocionados.

— Estou muito bem, obrigada — sussurrou. — Não sei como lhe agradecer, pois salvou minha vida novamente. Talvez até mais do que minha vida, senhor Miller.

— Começo a estranhar os perigos que a acompanham durante esta viagem... Primeiro foi aquele bêbado, e agora esses assassinos...

— Já pensei que a sorte não veio comigo... Bem, em parte sim, porque o senhor tem se mantido a meu lado a cada momento de perigo — respondeu ela, com um sorriso tristonho.

— Eu diria que o destino não lhe está sendo favorável, parece que não desejam que receba a herança que a espera em Gila Bend... se é que se pode culpar o destino.

— O que está querendo dizer? — perguntou ela surpresa, quando caminhavam de braços dados para a diligência.

— Nada. Prefiro não comentar a suspeita que se aninhou em minha mente. Espere-me aqui, vou examinar os cadáveres.

Deixou-a ao lado da porta da diligência e retomou para onde estavam os dois mortos, abatidos pouco antes por seu Colt infalível. Revistou-os, ante a perplexidade dos companheiros de viagem.

Encontrou no bolso de ambos uma coisa que o deixou mais preocupado: um rolo de cédulas de vinte dólares, novinhas em folha, todas da mesma espécie e com numeração em sequência. Guardou-as no bolso da calça e voltou para a diligência, que ia reiniciar a viagem.

— Creio que há mais alguma coisa do que uma simples casualidade nas duas tentativas de morte sofridas pela herdeira de Gila Bend — murmurou. — Aqueles homens receberam o dinheiro de uma mesma pessoa, em pagamento por algum serviço que deveriam realizar. Tenho certeza de que Shake Nolan e os outros também tinham rolinhos de papel-moeda nos bolsos. Quem os pagou e por que os pagou? Será que o assalto à diligência tinha um preço?

Aquelas perguntas não poderiam ser respondidas naquele momento, mas Dusty Miller tinha certeza de que sua idéia não era tão disparatada como lhe parecera logo no início.

Todos se acomodaram no interior da carruagem, e esta reiniciou a marcha. A jovem colocou a mão no braço de Dusty e murmurou, com voz emocionada:

— Nunca esquecerei o quanto fez por mim nesta viagem, amigo Miller! Posso tratá-lo assim?

— Claro — sorriu o jovem. — Não pode imaginar como me sentia velho quando a ouvia chamar-me de "senhor Miller". Na verdade, gosto de saber que uma dama finamente educada considera um presidiário como amigo... Saí do presídio hoje de manhã, senhorita...

— E o que importa isso? Penso que o destino foi muito bom comigo quando o colocou nesta diligência. Devo-lhe muito para não o considerar desse modo, e cada vez estou tendo mais certeza de que é inocente. Ah, eu me esqueci de dizer-lhe como me chamo. Meu nome é Nelly, Nelly Latimer. Pode chamar-me simplesmente de Nelly. Afinal somos ou não somos amigos?

CAPÍTULO QUARTO

O passado assustando o presente

Estavam reunidos no escritório do advogado Peter Waldron e conversavam sobre o assunto mais importante do dia, quando Luke Slade comentou:

— Nelly Latimer já deve estar chegando a Gila Bend.

— Acho que sim — confirmou o advogado. — Pelos meus cálculos e de acordo com o telegrama que ela me mandou de San Diego, avisando-me que viria de trem até a metade do caminho, quando então apanharia uma diligência que viesse para cá, imagino que chegue amanhã de manhã.

Hasper Bellamy, sócio do falecido Thomton Slade, trocou um olhar com Luke, o único sobrinho do homem que tinha deixado toda a sua fortuna para a desconhecida Nelly Latimer, da Califórnia, sua filha natural, fruto de um romance que o milionário tivera na mocidade.

— Assim que ela chegar, desaparecerão todas as minhas chances para ser o herdeiro da fortuna de meu tio. Todos os seus bens acabarão nas mãos de uma estranha, quando eu deveria ter sido o escolhido pelo velho — disse o jovem Luke Slade.

Peter Waldron, o advogado testamenteiro do milionário falecido, olhou para o rapaz demoradamente antes de responder:

— Lamento sinceramente este desfecho, Luke, mas nada posso fazer. O testamento de seu tio está bem claro. O senhor Thomton declarou verbalmente que Nelly Latimer, sua filha natural, fruto de seu amor com Jessica Latimer, falecida há seis anos em Sacramento, Califórnia, é a herdeira absoluta de todos os seus bens, salvo o pequeno legado que deixa para seu sobrinho Luke Slade.

— Isso foi a maior injustiça que cometeu em sua vida! — protestou Slade. — Eu tenho o seu sangue, sou o único descendente que usa seu nome de família e sou filho de seu único irmão, John Slade... Enquanto essa tal Nelly Latimer nem sequer foi reconhecida como filha legítima. E tem mais, sua mãe era uma corista de saloon, uma mulher que Gila Bend inteira sabe que não passava de uma aventureira. Se duvidarem ela nem é filha dele!

— Luke, não adianta ficar nesse desespero, sou apenas o advogado testamenteiro de seu tio. E, como tal, farei com que suas últimas vontades sejam obedecidas ao pé-da-letra. Sou advogado, mas não tenho o dever ou obrigação de imiscuir-me nos problemas pessoais de meus clientes ou na vida particular dos que os cercam. De acordo com os princípios da Lei, sua prima é a única proprietária dos bens deixados por Thomton Slade.

— Essa usurpadora não é minha prima! — gritou Luke Slade, no auge da irritação e com o rosto congestionado pela fúria que o possuía naquele momento.

— Calma, Luke — tentou apaziguar Hasper Bellamy, o sócio do homem que, mesmo depois de morto, continuava causando tantas celeumas. — Concordo com Peter, e de nada adianta vir aqui, no seu escritório, gritar que seu tio não leve razão. Essa garota que está para chegar, goste você ou não, é a legítima herdeira de seu tio Thomton Slade, e temos que aceitá-la como tal. Não pense que estou satisfeito

com a situação: uma estranha que vivia longe vai chegar para assenhorar-se da fazenda e dos negócios que eram de Thomton. Não se esqueça de que seu tio e eu éramos sócios, e, agora, deverei gerir os mesmos negócios com uma intrusa que não tem experiência sobre exploração de minas e até mesmo sobre a administração de uma fazenda. Mas o que posso fazer senão aceitá-la e admiti-la?

— Fica falando com essa calma toda porque nada tem a perder — respondeu Slade, dando um murro no tampo da mesa. — Continuará sendo o dono da metade das ações da Sociedade Mineira e dos escritórios da Mineração, mas eu fico virtualmente sem nada. Só com a miséria do legado que meu tio me deixou. E o que é esse legado? Um conjunto de terras sem valor e uma quantia mínima de dólares. Continuarei na miséria!

— Rapaz, tudo que se recebe é lucro — sorriu Hasper Bellamy. — Houve época em que cheguei a pensar que seu tio não lhe deixaria nada, principalmente depois daquela última briga que tiveram.

— Vá para o inferno, Hasper. Ele não parava de se meter em minha vida. Se gosto de uma farra, se gosto de jogo e adoro mulheres, o problema é meu! Por que ele sempre tinha que dar sua opinião, se meter onde não era chamado? Eu gastava dinheiro? O dinheiro era meu e, diga-se de passagem, era uma titiquinha, porque tio Thomton sempre foi um sovina e pagava uma miséria a seus empregados.

— Nem tudo o que gastava com suas farras restringia-se a seu salário, Luke — interveio o advogado. — Lembre-se de que, mais de uma vez, você se meteu em grandes embrulhadas por causa do jogo e do álcool, na cantina de Walt Stanton. Se seu tio não o tirasse dos embrulhos, se não

pagasse suas dívidas de jogo e outras coisas mais, muitas vezes teria passado as noites no catre do xadrez.

— Parece que os dois estão contra mim e querem me aborrecer — respondeu Luke Slade agressivamente. — Peter, sei que nunca simpatizou comigo, e o mesmo acontece com a maioria das pessoas da cidade, mas não me preocupo com isso. Agora sou o único Slade vivo, e porque motivo meu tio foi deixar os bens da família para uma estúpida californiana? Uma pequena que lhe era totalmente desconhecida?

— Talvez a velhice lhe tivesse trazido remorsos tardios — sorriu o advogado, com ironia. — Agora, se me derem licença... Peço desculpas, mas tenho muito trabalho e devo deixar tudo preparado para quando a daminha da Califórnia chegar a Gila Bend. Não deve demorar e, se apanhou a diligência de San Diego a Yuma, deverá chegar amanhã até o meio-dia o mais tardar, já que a diligência costuma pernoitar em Sentinel e só reinicia viagem ao alvorecer.

— Pode ficar descansado porque vamos deixá-lo em paz, Peter — disse Hasper Bellamy levantando-se e puxando Luke Slade pela manga do casaco. — Vamos embora, de nada adianta continuarmos aqui. Não adianta você ficar reclamando, e o meu conselho é este: resigne-se, meu rapaz, porque imagino que não esteja pensando em abrir uma questão judicial, uma impugnação testamentária que custa uma fábula e tem resultados geralmente bastante problemáticos, como Peter já lhe explicou. Vamos embora de uma vez!

Os rapazes saíram, e, quando Peter Waldron ficou sozinho, balançou a cabeça com algum desalento e preocupação.

— Esse rapaz está me deixando apreensivo. Não sei por que, mas acho que Luke é capaz de fazer qualquer asneira

para defender o que julga ter direito de possuir — murmurou o advogado.

Quando chegaram na rua, uma carruagem puxada por dois animais os esperava a poucos metros da residência de Waldron, e estava sendo conduzida por uma mulher que aparentava quase cinquenta anos, mas ainda continuava atraente e de porte arrogante. Usava um vestido marrom e segurava um chicote na mão.

Contemplou-os com um olhar repleto de curiosidade, e perguntou com interesse:

— Conseguiram descobrir alguma coisa, Hasper?

— Nada, querida. De nada adiantou Luke se lamuriar, gritar e reclamar. Tudo foi inútil.

— Bem que eu falei — disse a ruiva, com os olhos negros refulgindo. — Tudo é perda de tempo, porque o testamento é válido perante a lei, Luke. Eu e meu marido já conversamos sobre isso em várias ocasiões.

— Já tentei convencê-lo disso em vão — disse Hasper Bellamy. — Suba, Luke, vamos tomar alguma coisa lá em casa. Susy prepara a melhor aguardente da região, e um trago fará bem a nós dois.

O rapaz subiu de má vontade. A mulher chicoteou os cavalos, arrancando quase que a galope. Desceram a rua principal de Gila Bend, passaram pela chefatura. O xerife Budd Hartman estava na janela e os cumprimentou, levantando o braço direito completamente rígido, rigidez que tinha sido provocada pelo tiro que um pistoleiro lhe havia dado, três anos atrás, no ombro.

A carruagem se dirigiu para o final do povoado, passando pelas instalações da Companhia Mineira de Gila, propriedade do falecido Thomton Slade e seu sócio, Hasper Bellamy.

Susan Bellamy era esposa de Hasper e adorava dirigir carruagens, caleças e charretes. O veículo continuava percorrendo as mas com a rapidez de uma flecha, levantando nuvens espessas de pó argiloso, proveniente das jazidas de cobre em fiança exploração.

Os homens estavam sentados nos bancos de trás. Bellamy parecia calmo e tranquilo, mas Luke Slade não conseguia esconder sua raiva e revolta.

— Afinal, já sabem quando a nova proprietária vai chegar? — perguntou Susan, sem olhar para eles e muito atenta aos movimentos dos cavalos.

— Peter calcula que vá chegar na diligência de amanhã, mais ou menos ao meio-dia — respondeu o marido, enquanto Luke continuava roendo as pontas dos dedos já sem unhas. — Ele imagina que esteja viajando na diligência de Yuma. Disse-nos que recebeu um telegrama de San Diego lhe dando essa informação.

— É como eu imaginava — sorriu a ruiva. — Para nós não fará muita diferença, mas para você, Luke, será uma verdadeira calamidade.

— Senhora Bellamy, se eu pudesse, faria qualquer coisa para impedir a chegada da desgraçada, nem que tivesse que pedir ajuda ao diabo!

— Rapaz, o diabo costuma estar muito ocupado para atender os pedidos dos homens — riu a ruiva. — Se quiser fazer alguma coisa, terá que agir, porque se ela for teimosa como era o pai, você terá que esforçar-se para conseguir sua simpatia. Sabe que até estive pensando uma coisa? Vocês dois são primos... Se começasse a cortejá-la, cercá-la de todas as atenções, poderia arranjar uma esposa. Faria um casamento estupendo, de conveniência, e tudo que está perdendo agora voltaria para suas mãos. O que acha de minha idéia?

— Que ninguém espere que eu me humilhe perante esta intrometida. Antes de fazer isso, faria outras coisas.

— Temo que não haja muitas coisas que possa fazer para conseguir a herança do senhor Thomton... a menos que assassinasse a herdeira — riu Susan Bellamy, com um humor muito macabro, reduzindo a marcha da carruagem à medida que se aproximavam das cercas de madeira que fechavam os terrenos de sua propriedade.

O marido a olhou com surpresa e exclamou:

— Não entendo como algumas vezes pode ter ideias tão horríveis, minha querida!

— Nem tanto, Hasper — disse Luke, com o cenho fechado. — Nem tanto... Muitas vezes, matai uma pessoa representa um bom remédio para se solucionarem problemas que dificilmente poderiam ser resolvidos. Entendo que a idéia não é das melhores, mas continuaria sendo uma boa saída.

— Lindo, uma decisão que geralmente leva à forca — respondeu Hasper Bellamy, colocando a mão em seu ombro. — Rapaz, não leve Susan a sério, minha mulher é muito brincalhona. Esta sua sugestão é coisa de louca... Por favor, não pense mais nela.

— Claro, Hasper — respondeu o jovem lentamente. — Nunca fui e nem tenciono ser assassino. Creio que estou precisando de uma boa dose de aguardente.

A senhora Bellamy sorriu e parou os cavalos no pátio rodeado de árvores raquíticas, que ficavam ao lado da casa.

— Acho que neste momento, todos nós estamos precisando de um bom trago, Luke.

* * *

O xerife Hartman apanhou o telegrama que o mensageiro da Western Union lhe entregou. Agradeceu e abriu o envelope amarelo com displicência, mas, quase em seguida, sua testa ficou franzida quando começou a lê-lo:

Dusty Miller posto em liberdade hoje por boa conduta e ajuda às autoridades no motim carcerário. Indulto pessoal do governador do Território do Arizona.

Cumprimentos: Matt Darring, marshal de Yuma.

Amassou o papel com raiva e o jogou na cesta, enquanto as pontadas em seu ombro direito pareciam ficar mais dolorosas. Rapidamente relembrou tudo que tinha acontecido naquele dia quando a bala disparada por Dusty Miller lhe rompera a clavícula.

— Aquele desgraçado, miserável — murmurou com ódio. — Foi condenado a dez anos de prisão e... saiu com um pouco mais de três... Só espero que nunca mais ponha os pés em Gila Bend.

Levantou-se e começou a andar pela sala em completo desassossego. Depois acendeu um cigarro, deu duas tragadas e o jogou pela janela. Apanhou o chapéu do cabide e o enterrou na cabeça. Saiu e fechou a porta do gabinete. Pegou a placa de "ausente" e a pendurou no trinco.

* * *

Desceu a rua sob o sol inclemente e chegou na cantina de Stanton. Empurrou os batentes da porta e entrou no bar, naquele momento estava sem um freguês.

Um homem gordo, balofo, e quase careca, estava lavando uns copos, mas soltou-os e se aproximou do balcão quando o viu.

— Olá, Budd — cumprimentou-o. — Está querendo tomar alguma coisa?

— Sim, Walt, mas hoje não vim somente para beber.

— Não? — Walt Stanton colocou um copo com uísque na frente do xerife e o contemplou por alguns segundos, antes de perguntar: — Para que mais veio?

— Para lhe dar uma notícia muito chata. Acabei de receber um telegrama de Yuma. As notícias são ruins para todos nós, mas especialmente para mim e você.

Stanton encheu um copo para si próprio e perguntou:

— Que notícias? Por que não desembucha logo de uma vez?

— Dusty Miller está livre. Foi indultado por boa conduta.

O proprietário da cantina olhou para ele com cara assustada e engoliu a dose do uísque de uma vez só, depois derramou uma outra em seu copo e no do xerife, que também estava vazio.

Em seguida, passou a mão pelos cabelos, já bem ralos, e falou:

— Para mim não chega a ser surpresa, pois eu já esperava. Durante o motim, Miller portou-se quase como um herói. Imaginei que ele fosse indultado.

— Indultado. Ato assinado pelo governador.

— Não gostei, porque agora já não ficará à margem da lei. As penas que pesavam sobre os pistoleiros foram prescritas há mais de dois anos, não é?

— Exatamente. Agora aquele maldito não precisa temer mais nada.

— Você acha que ele volta?

— Sempre foi um louco, não foi? E certamente não se esqueceu do que aconteceu quando foi preso.

— Claro que não. E o cárcere ajuda as recordações, xerife. Você está preocupado, Budd?

— Um pouco. Confesso que não gostaria de vê-lo novamente zangado pelo povoado.

— Nem eu, depois de tudo o que aconteceu. Era preferível nunca mais a gente saber dele, embora eu ache que o diabo tem conta pendente com você, e não comigo.

— Está raciocinando errado — disse Hartman, apoiando-se no balcão. — Eu o feri e controlei para mandá-lo para a prisão, admito, mas não fui eu quem contratou os irmãos Riordan para atacá-lo. Você se lembra de quem foi, Walt?

O cantineiro ficou branco como se fosse desmaiar e engoliu a segunda dose de uísque sem dizer uma palavra.

— Ninguém precisa saber que fui eu quem organizou aquele lance. Só saberão se você falar...

— Certo, Walt — riu o xerife. — Não vou falar, e você também não precisa comentar que eu estava envolvido naquela sarabanda para pôr Miller bem longe daqui. Tão longe, que nunca mais pudesse voltar. Sabemos que me atrapalhava em certas coisas, mas você também não desejava que ele permanecesse a vida toda aqui em Gila Bend, não é verdade?

— Água passada para nós, mas não para Miller, principalmente se voltar algum dia. Vai querer saber de tudo... Prefiro que não regresse.

— Já o enfrentou uma vez e, se for necessário, poderá repetir. Não sei por que, mas os pistoleiros vivem caindo em emboscadas.

— Agora preciso ter mais cuidado, Walt. As eleições estão chegando, e não gostaria de perder minha reeleição. Muita gente não aprovou a condenação de Miller, e agora o juiz Burke não está mais aqui no povoado, para arrumar o tabuleiro de xadrez. Você entende, não é?

— Está sugerindo que, se ele voltar, serei eu quem lhe deve dar o tratamento que merece?

— Por que não? Do mesmo modo como enviou os irmãos Riordan para provocá-lo, esperando que o liquidassem facilmente, poderá arranjar outras coisas.

— Naquele tempo havia Maisie Munro de permeio, Budd. Foi por causa de Maisie que fiz tudo. Não queria que ele a levasse. Sabe dos problemas que tive há três anos atrás.

— Tanto sacrifício, e no final ela o abandonou — falou o xerife, com uma risadinha cínica.

— Budd, pare de brincar com este assunto! — disse Stanton, quase sem abrir os lábios, ameaçadoramente.

— Desculpe-me. Só acho engraçado porque você se expôs, querendo desfazer-se de Miller, e sua namorada só ficou alguns meses aqui em Gila Bend.

— Compensou, porque durante aqueles poucos meses Maisie foi só minha. Eu era louco por aquela mulher e ainda continuo, mas minha paixão não tem remédio. Quando me deixou, confessou-me que o homem de sua vida continuava sendo Dusty Miller. Só por isso odeio este pistoleiro com todas as minhas forças. Mas agora sua presença já não me causará qualquer problema, embora eu o prefira bem longe daqui.

— A mim, ele poderá prejudicar muito. Sua presença fará com que as pessoas se recordem de muitas coisas, e muitos novamente me culparão pelo que aconteceu há pouco mais de três anos. Isso poderá prejudicar minha candidatura. As eleições para xerife estão próximas, e o que mais desejo é reeleger-me. Porém isso não acontecerá, se Miller desconfiar que ajudei você, que colaborei no jogo que você armou contra ele para livrar-se de problemas que também eram meus.

— Exatamente. Tenho certeza de que poucas pessoas votariam em você, se soubessem de seu envolvimento em certo assunto, não muito agradável, do qual Dusty Miller foi uma testemunha inesperada, não é verdade? Se esse cara comentar o que viu...

— Cale-se, infeliz — cortou Hartman abruptamente.

— Nunca mais mencione isso, Walt.

— Por que não, xerife? — riu o cantineiro, com ironia. — Da mesma maneira como você me recordou que tive participação naquele outro assunto, posso refrescar sua memória quanto ao caso de Lamont... e, cá para nós, não foi nada limpo. Miller é um homem inteligente e pode ter ido muito longe em suas deduções. No presídio deve ter tido tempo para refletir sobre o fato que testemunhou acidentalmente. Talvez, se tivesse ficado aqui em Gila Bend, trabalhando para o velho Thorton Slade, pensasse diferente.

— Brady Lamont teve morte acidental — respondeu o xerife. — Todo mundo sabe disso.

— Todo mundo, menos Miller. Foi ele que encontrou Lamont agonizando. Desconfio que ainda tinha forças para falar e talvez tenha mencionado seu nome, Budd, e foi isso que levantou as suspeitas de Miller. Você fez questão de não lhe dar tempo para investigar o assunto, procurou-me e juntos arquitetamos a emboscada. Agora, se Dusty Miller chegasse a saber da partida de pôquer daquela noite, quando a cantina já estava de portas cerradas ao público, se desconfiasse de que você, com suas trapaças habituais, chegou a ganhar cinco mil dólares... Mas Lamont acabou desmascarando-o, lembra? Em seguida, fez você assinar uma confissão, e ainda o obrigou a passar recibo da dívida... Com essas duas provas, poderia ter ido ao marshal do

condado, a fim de acusá-lo como um dos possíveis assassinos de Brady Lamont.

— Inferno, cale a boca, diabo! — gritou Budd Hartman, com raiva. — Raciocine, homem, porque nem todos os seus negócios primam pela limpeza. Acho conveniente continuar comigo e falar o menos possível... Ou está querendo que eu comente sua ligação com o bando de ladrões que continuam agindo nas estradas? Foi com a ajuda deles que você conseguiu o dinheiro de que precisava para comprar esta cantina...

— Está bem, xerife, não prossiga — riu Walt Stanton. — Nós dois estamos discutindo porque somos idiotas. Sabe que sempre poderá contar com minha colaboração.

— Sendo assim, tudo fica melhor, Walt. Agora, sirva-nos outra dose de uísque e ponha na minha conta. Precisamos nos manter unidos em tudo, tudo mesmo, entendeu?

— Claro, xerife, sempre estaremos unidos — confirmou o cantineiro, sorrindo.

CAPÍTULO QUINTO

Chegada a Gila Bend

A diligência entrou na rua principal do povoado quase encoberta por uma nuvem de poeira vermelha e só foi parar diante da estação da Wells & Fargo, onde aliás também paravam todas as diligências que tinham passagem obrigatória por Gila Bend. Os escritórios da Wells & Fargo estavam instalados numa casa de madeira, confortável, que também era usada para os escritórios de Registro de Minas e Venda de Minério, pertencente à firma e Thomton Slade e Hasper Bellamy.

Os passageiros desceram da diligência, tão logo o veículo parou na frente da estação.

Algumas pessoas saíram dos escritórios ao verem o auxiliar ferido, coberto de sangue, e se ofereceram para levá-lo à casa do médico.

Dusty Miller, cavalheirescamente, ajudou Nelly Latimer a descer os degraus altos do carro. A moça, assim que pôs os pés no chão, olhou para ele e sorriu.

— Você é muito amável, Miller. Parece mentira, mas conseguimos chegar a nosso destino. A viagem me parecia interminável, e não sei como teria chegado se não o tivesse a meu lado.

— Estas viagens sempre são assim — sorriu o rapaz com bom humor. — Como disse, o importante é já estarmos aqui. Você trouxe bagagem?

— Sim — respondeu ela, rindo. — Três malas e uma chapeleira, que estão no teto do carro. O cocheiro virá apanhá-las.

— Por que esperar, se posso fazer isso? — falou ele, e agilmente subiu para apanhar os volumes que ela lhe havia mostrado.

Rápido como subiu, desceu e colocou-os no chão.

— Vai hospedar-se no hotel?

— Hoje, sim. Meu pai tinha uma propriedade, mas ainda não sei onde fica. Vou para o hotel e esperarei que o advogado me procure e...

— Senhorita Latimer? — perguntou uma voz bem modulada, às suas costas.

— Sim — respondeu, virando-se para o homem elegantemente trajado, que se inclinava para saudá-la. — O senhor é o advogado Waldron?

— Exatamente. Peter Waldron, para servi-la — respondeu. — Sou o advogado testamenteiro escolhido por seu pai, Thornton Slade.

— Thorton Slade! — exclamou Dusty Miller, olhando para Nelly. — Você é filha de Thornton Slade?

— Sim — respondeu ela, surpresa. — Você o conhecia.

Só então Waldron viu quem era o homem que estava ao lado da moça. A surpresa foi tão grande que ele não se conteve:

— Você voltou, Dusty Miller? Está livre?

— Fui indultado pelo governador — respondeu o rapaz, secamente. — Voltei a Gila Bend, senhor Waldron. O senhor não quis defender-me quando fui julgado. Agora

espero que seja melhor advogado para Nelly Latimer do que o foi para mim.

— Os dois casos não podem ser comparados. Naquela ocasião, o senhor Thornton me proibiu de defendê-lo, e eu precisava obedecer às suas ordens, pois era seu empregado e advogado da companhia. Nunca imaginei que fosse voltar quando recuperasse a liberdade. Considera sensata esta sua vinda?

— Minha vida sou eu quem decide. O senhor deve preocupar-se com os interesses da senhorita Latimer, eu me preocupo com os meus.

— É o que também penso, não precisa dizer-me o que devo ou não devo fazer — disse Waldron, já com acritude.

— Sei que é um advogado capacitado e creio que precisa saber que tentaram matar a senhorita Latimer duas vezes durante a viagem. Se os facínoras tivessem tido sorte em alguma das duas tentativas, outra pessoa herdaria os bens de Slade. Não sei quem possa ser, mas tenho certeza de que alguém herdaria a fortuna do senhor Thomton.

— Isso é verdade, senhorita Latimer? — perguntou o advogado, já parecendo bastante preocupado.

— Sim, senhor Waldron. O senhor Miller foi meu anjo protetor e me salvou, quando eu já me considerava perdida em ambas as ocasiões, mas penso que tudo não passou de casualidades desagradáveis.

— Pois tenho quase certeza de que não foi casualidade — falou Dusty, com firmeza. — Vá por mim, e cuide de Nelly. Agora, que eu soube que é filha de Thomton Slade, começo a compreender muitas coisas. De forma alguma, confiaria em seu primo Luke Slade. É capaz de fazer qualquer coisa por dinheiro. Ainda era adolescente e vivia sempre metido com mulheres, jogo e bebida, não é verdade,

senhor Waldron? Jogava, perdia, e seu pai vivia pagando suas dívidas.

— Esse assunto agora não vem ao caso, Miller — cortou o advogado testamenteiro. — Senhorita Latimer, posso acompanhá-la ao hotel, onde já há um quarto à sua espera. Deve estar exausta e, amanhã, terá tempo para entrar na posse de todos os seus bens. Creio que deve visitar a mina de cobre e a Fazenda Slade... Também vou apresentá-la ao senhor Hasper Bellamy, que era o sócio de seu pai. Porém, neste momento, o mais importante é descansar.

— Concordo com o senhor Waldron, Nelly. Vá com ele, e nos veremos mais tarde, talvez amanhã.

— Está falando a verdade, Miller? Decidiu passar algum tempo aqui? — perguntou a jovem com ansiedade.

— Possivelmente ficarei... a menos que alguém me recambie ao presídio os próximos dias — sorriu Dusty, olhando para o advogado. — Foi um prazer viajar com você e ser seu companheiro de viagem. Desejo que seja feliz em sua nova vida de herdeira de Thomton Slade.

Levou os dedos à aba do chapéu, inclinou a cabeça ligeiramente e se afastou.

O advogado acompanhou Nelly ao hotel, enquanto um empregado da estação carregava a bagagem.

Dusty sentou-se na amurada do alpendre e ficou olhando demoradamente para a moça elegante e garbosa que andava pela calçada. Suspirou levemente, encolheu os ombros, sacudiu a cabeça e começou a andar pela rua, sem rumo fixo, mas em direção oposta, com o pacote de roupas embaixo do braço.

Duas pessoas ficaram preocupadas quando reconheceram o homem alto, de porte atlético e olhar tão gelado como a neve, que andava pela rua principal de Gila Bend.

Budd Hartman estava atrás da janela envidraçada do escritório, e Walt Stanton atrás da porta de vaivém da cantina.

Dusty Miller continuou andando pela rua até chegar na frente de uma casa modesta, de madeira, com dois andares e quase sem terreno à volta.

Sorriu ao contemplar o cartaz desbotado que estava colado à parede:

COMIDAS CASEIRAS, BEBIDAS, QUARTOS.

Empurrou a porta de madeira esmaltada de verde, já bem descolorida, e entrou em uma cantina pequena, mas excessivamente limpa. A casa estava sem um freguês, mas a patroa, uma mulher grandona, gorducha e forte, passava pano molhado em todas as mesas e cadeiras.

— Olá, Belle — cumprimentou-a, como se não tivesse passado três anos ausente do povoado.

A mulher se virou rapidamente, ao escutar a voz, e o contemplou como se estivesse vendo algo inesperado.

— Dusty! — exclamou. — Dusty, de came e osso, voltou! Quase que não acredito!

— Ele voltou, mas agora tem mais osso do que came — riu o rapaz. — A comida do presídio não é gostosa e nem tão abundante como a de Belle Murray.

— Continua sendo um grande sem-vergonha. Por que não me avisou de que ia chegar? — gritou, entusiasmada. Coiho conseguiu fugir daquele inferno?

Dusty já estava sentindo-se asfixiado sob o corpo da mulher que o recebera de braços abertos, com abraços e beijos. Ele se sentia perdido entre a massa adiposa de seu corpo, aprisionado entre braços musculosos e dois seios enormes. Olhou para o rosto de Belle e notou que havia

mais rugas à volta de seus olhos e em tomo da boca, que seus cabelos continuavam tingidos de ouro-velho, que os lábios também continuavam pintados de vermelho-rutilante, e pensou que, se se olhasse em um espelho, ia ver-se coberto de marcas de batom, pois ela não se cansava de beijá-lo.

Dusty até achava graça naquelas demonstrações de carinho, mas tentava livrar-se dos braços que o prendiam como duas tenazes. Quando viu que não ia conseguir, murmurou:

— Agora chega, preciosa. Se não me soltar, vou acabar morrendo asfixiado.

Ela afastou-se alguns centímetros, encostou-se na borda de uma mesa e sorriu.

— Dusty Miller, você está de volta a Gila Bend, e muita gente agora vai começar a tremer de medo, meu querido.

— Talvez sim, mas não confunda as coisas. Não fugi da prisão, soltaram-me porque sou bem-comportado.

— É melhor assim — disse ela, dando-lhe mais um beijo. — Agora sente-se onde quiser. Imagino que esteja cansado e faminto.

— Cansado, faminto, sedento, e é por isso que estou aqui.

— Na casa de Belle Murray sempre há comida em cima do fogão, minha cerveja continua sendo a melhor do povoado e sempre tenho uma cama preparada para Dusty Miller.

— Espere um pouco, querida. É bom que saiba que só tenho dois dólares no bolso. Portanto, trate de reduzir suas ofertas.

— Será que o presídio e Yuma enevoou seu cérebro? — caçoou Belle, aproximando-se dele e encostando os seios enormes em seu peito. — Em minha casa, Dusty Miller não

paga. Fique aqui e esqueça-se do dinheiro. Até posso emprestar-lhe algum, e só me pagará quando estiver trabalhando.

— Duvido que eu vá arranjar trabalho aqui em Gila Bend. Poucas pessoas vão sentir-se felizes porque voltei.

— Mande todos para os quintos do inferno! Eu me sinto feliz, e isso me basta! Já sabe que seu antigo patrão, o velho Thomton, está morto?

— Tomei conhecimento de sua morte de uma forma muito curiosa. Ele não era muito meu amigo e, quando fui acusado por homicídio que não cometi, negou-me sua ajuda. Deixei de gostar dele e só peço aos anjos que lhe deem o lugar que merece.

— Garanto que o lugar não vai ser dos melhores, embora haja gente que vá para outros bem piores. Seu sobrinho Luke Slade deve ir para onde não haja luz, dinheiro, mulheres e bebidas — comentou Belle, rindo.

— Quando fui preso, ele era um rapaz sem juízo. Não melhorou com a experiência de vida?

— Continua igual ou pior e, agora, não se conforma porque o tio o deixou sem herança — Belle riu e foi para a cozinha. — Vive dizendo que fará qualquer coisa antes que a herdeira receba a herança.

Dusty não respondeu, mas pensou, enquanto ela ficava mexendo nas panelas:

— Talvez já esteja tentando fazer o que vem ameaçando. Não sei se é Luke, mas alguém deste lugar está fazendo o possível para afastar Nelly Latimer da herança.

Belle foi muito generosa com ele. Continuava sendo a amiga dos bons e maus momentos. A comida estava excelente, a cerveja acalmou sua sede e, quando acabou de comer, sentia-se muito melhor.

Depois, Belle colocou a mão de unhas pintadas de vermelho em seu braço e disse:

— Percebo que está muito cansado. Você agora vai dormir. Sei como deve estar se sentindo, porque a diligência de Yuma pode ser comparada a uma caixa de tortura. Eu até poderia fazer-lhe companhia como nos velhos tempos... Sabe que posso lhe dar tudo o que deseja...

Seus olhos o fitavam com uma expressão maliciosa, e os lábios faziam trejeitos provocativos, sensuais^ Dusty sorriu e negou com a cabeça.

— Não, Belle. Agora, não. Não gostaria de que minha vida fosse igual a que era antes.

— O que está acontecendo? — perguntou, ofendida.

— Deixou de gostar de mulher ou envelheceu em três anos?

— Não é isso, Belle. Nós dois vivemos momentos gostosos, mas agora é diferente.

— Diferente, por quê? Gostou de passar três anos em quarentena? Pensei que estivesse ávido de...

— E estou, mas preferia que nada houvesse entre nós. Pensei muito enquanto estive em Yuma. Quero mudar de vida, Belle.

— Estou achando que veio apaixonado. Conheceu alguma moça e já não pode sentir o mesmo por mim — reclamou a mulherona.

— Talvez esteja certa — Dusty a fitou com surpresa.

— Realmente conheci uma moça que mexeu comigo, mas está tão distante como as estrelas que cintilam no céu à noite. Eu e você agora somos muito diferentes e jamais combinaríamos. A partir de hoje, seremos apenas bons amigos. Topa?

— Dusty, é melhor ser só sua amiga do que perdê-lo de vez... Porém hoje ainda estou comandando, e terá que

aceitar minhas imposições. Uma noite não vai mudar em nada nossa situação de amigos. Não sou ciumenta e me conformo com os minutos que quiser ou puder me dar. Está saindo de três anos de solidão, e vou dormir com você quer queira ou não. Se algum dia essa garota se tomar mais acessível, prometo que me afastarei sem choros ou lamentações. Belle Murray é uma mulher inteligente. Hoje, no entanto, está precisando de mim, e vou ajudá-lo como sempre fiz. Vamos subir logo. Três anos de quarentena é mais que um século. Amanhã de manhã vai sentir-se um outro homem.

Puxou-o pela mão, quase maternalmente, depois de trancar a porta da cantina. Ele se deixou guiar, porque sabia que Belle sempre tinha razão. Três anos de abstinência total era muito tempo para um homem jovem e cheio de vitalidade. Sua insistência era mais do que um ato de sedução, era quase um ato de caridade, pensou, quando ela o cobriu carinhosamente com o lençol e, em seguida, deitou-se despida e se aconchegou a seu corpo ávido.

CAPÍTULO SEXTO

Gila Bend, um povoado de surpresas

Dusty Miller nunca tivera o sono que muitos chamam de pedra ou de chumbo. Era um rapaz que acordava à menor alteração de ruído que houvesse. Os anos de prisão não tinham mudado sua maneira de dormir. Muitas vezes, varava a noite desperto somente porque alguns companheiros de cela decidiam conversar ou brigar.

Todos diziam que Dusty Miller era sempre o último a adormecer e o primeiro a acordar.

O que para pessoas comuns poderia ser considerado como castigo, para o pistoleiro quase chegava a ser uma dádiva dos céus. Muitas vezes, tinha conseguido escapar de uma morte, que outros já consideravam como certa, por ter tanta facilidade de despertar.

E coisa semelhante aconteceu aquela noite, quando dormia na pensão de Belle Murray.

Abriu os olhos com a sensação de um perigo iminente. O quarto estava envolto em penumbra, apenas uma réstia de luar entrava pela janela entreaberta. A seu lado, os seios enormes de Belle subiam e desciam cadenciadamente, dentro do relaxamento provocado pelo sono. Olhou para a porta, que também estava fechada.

Belle, como sempre fizera, tinha deixado uma pequena lamparina acesa no corredor, perto da porta do quarto. A luz

amarelada se infiltrava sob ela, traçando uma linha horizontal sobre o assoalho. E, naquele momento, o risco dourado estava cortado por quatro sombras estreitas.

Dusty imediatamente pensou em quatro pernas, mas nada podia fazer, porque a cama de Belle rangia e estalava ao menor movimento, como tivera chance de comprovar um pouco antes, por razões óbvias.

— São dois homens — murmurou.

Esticou o braço ao máximo. Alcançou o coldre que estava em cima da mesa de cabeceira. Segurou a coronha do Colt e o puxou lentamente, sem fazer o menor ruído. Naquele momento, Belle ressonou, gemeu e virou o corpanzil roliço por entre o lençol.

Imediatamente, as sombras embaixo da porta se movimentaram, e uma mão começou a abrir a maçaneta, lentamente.

Dusty afastou o lençol, sem tirar os olhos da porta. Destravou a arma com cuidado e em silêncio.

De repente, a porta se escancarou, e duas figuras quase negras ficaram recortadas contra a claridade muito tênue do corredor. Dusty se jogou no chão e, com um safanão violento, puxou o colchão. Belle acordou assustada, arrancada tão bruscamente de seus sonhos. Um grito apavorado se mesclou com o fragor dos disparos.

Dusty Miller atirava nos intrusos, e estes esvaziavam as armas, disparando contra a cama onde eles tinham estado até segundos antes. Belle, toda enrolada no lençol, assistia à cena sem entender o que via. As balas continuavam zunindo pelo quarto.

Dusty naquele momento mais parecia um deus da mitologia antiga: completamente desnudo, mostrando seu corpo musculoso e sua pele dourada, curtida pelo sol da pedreira, continuava atirando de forma fulminante.

Os corpos dos assassinos já estavam crivados de balas, e ambos cambaleavam grotescamente, como se estivessem dançando uma dança macabra, enquanto seus gritos de agonia ecoavam pelo corredor. Também continuavam disparando, mas os dedos quase não tinham mais forças para acionar o gatilho e nem tampouco, tinham reflexo para direcionar as armas.

Finalmente, o ruído dos disparos cessou. Dusty empunhava o Colt fumegante, com o rosto crispado pela preocupação. Apanhou novos projéteis do cinturão que estava em cima da mesa de cabeceira e remuniciou a arma. Precisava estar preparado, porque não sabia o que mais podia acontecer naquela noite de surpresas. Mas a paz e o silêncio tinham retomado à pensão de Belle Murray.

— Dusty, o que aconteceu? Por que eles vieram? — murmurou a matrona, erguendo-se lentamente.

— Você viu o que vieram fazer: queriam dar-me as boas-vindas de forma um tanto ruidosa. Deviam conhecer meus hábitos passados para saberem onde me poderiam encontrar — respondeu, caminhando para o corredor.

— Acredita que estivessem ligados a Hartman e aos outros?

— Não tenho a menor dúvida. Da mesma maneira como armaram a emboscada com os irmãos Riordan há três anos atrás, agora novamente tentaram desfazer-se do homem que nunca toleraram. Seria bom se o xerife pudesse vir, para ver como ficou sua casa e para desistir de novamente acusar-me como assassino por mortes que nunca cometi.

— Claro. Hoje tudo é diferente, pois há uma testemunha. Eu vi que vieram para assassiná-lo, ou melhor, assassinar nós dois. Vou vestir-me imediatamente, e Hartman que me perdoe, mas terá que se levantar em plena

madrugada para vir comigo e providenciar a retirada dos cadáveres.

Dusty começou a se vestir com calma. Belle também começou a cobrir suas formas roliças, mas mais rapidamente. Só descansaria e se sentiria mais calma depois que trouxesse o homem da lei à cantina.

— Se Hartman estava metido nisso, vai ter um grande desgosto, querida.

* * *

Nelly Latimer estava nas minas de cobre, visitando suas numerosas galerias, os barracões dos mineiros e vendo a atividade no subsolo. A moça estava assombrada, pois antes nunca tivera vontade de conhecer aquela parte da vida.

— É incrível, senhor Waldron! Tudo isso agora me pertence?

— Tudo — respondeu o advogado, sorrindo. — Agora já viu as partes mais importantes do legado deixado por seu pai: os escritórios de Registro de Minas e Venda de Minérios. Já viu as minas, mas ainda não visitou a fazenda. São mais de mil acres de terra fértil, regada por um arroio e coberta de pastos verdejantes, uma coisa rara nesta zona árida. Uma manada de gado da melhor qualidade e muita gente que continuará trabalhando para a senhorita. Agora já pode ir acostumando-se à idéia de que a jovem Nelly Latimer, que em Sacramento trabalhava para manter-se, poderá viver folgadamente e só precisará dirigir seus negócios. Também terá uma conta bancária polpuda para o resto da vida. Não mais terá de preocupar-se, tendo um sócio dedicado como Hasper Bellamy, este certamente continuará encarregado da parte financeira da empresa e lhe prestará contas ao fim de cada balancete... Como vê, poucas

coisas precisarão fazer. Era assim que trabalhavam no tempo de seu pai, porque o senhor Thomton odiava tratar com números.

— Sou diferente — retrucou Nelly, risonha. — O senhor sabe qual era minha atividade em Sacramento? Era professora de matemática. Adoro trabalhar com números e estou vendo que terei muita coisa para fazer. O senhor Bellamy cuidará de suas contas, e eu das minhas.

O advogado testamenteiro fitou-a com surpresa e sorriu.

— Acho ótimo que ocupe suas horas. Felizmente, Hasper Bellamy é uma pessoa respeitável, digna de toda a confiança, mas, ainda assim, penso que ele acharia melhor ter um sócio como seu primo Luke Slade. Seu primo, além de não saber manejar números, tem uma facilidade assombrosa para fazer retiradas em dinheiro que não sabe ganhar com esforço próprio, gasta com uma rapidez incrível.

— Eu já imaginava. Ele deve odiar-me profundamente por ter ficado quase sem nada, não é verdade?

— Sabe como são estas coisas... — respondeu o advogado. — Luke é por demais ambicioso, mas isso não deve preocupá-la. Estive pensando que talvez preferisse deixar o hotel e instalar-se na fazenda, que, a partir de hoje, deverá ser seu novo lar para sempre. Vamos visitá-la?

— Vamos, vamos ver como ela é. Sempre sonhei morar num rancho pequeno que tivesse algumas reses e muitas árvores, senhor Waldron. É como ver meu sonho transformado em realidade.

O advogado sorriu e a levou para onde estavam dois cavalos encilhados. Montaram e, aos poucos, as minas foram ficando para trás.

— Vejo que sabe montar muito bem, para quem sempre morou numa cidade grande como Sacramento.

— Mamãe fez esforços infindos, mas me deu uma ótima educação — respondeu a jovem com orgulho. — Ela não se importava de trabalhar, mas frequentei os melhores colégios e tive aulas de equitação, embora nunca pudesse sonhar em ter cavalos meus para montar.

O povoado e as minas de cobre ficaram ao longe, e eles continuavam avançando por entre grupos de rochas e mesetas argilosas, até chegarem às margens de um arroio largo, quase profundo, cercado de vegetação variada, que se encontrava em terreno circundado por cercas de arame farpado.

— Eis sua fazenda, senhorita Latimer — disse o advogado, parando a montaria e fitando-a com bom humor. — Estas são as terras que herdou.

Nelly parecia fascinada. Aquilo tudo lhe fora deixado por um homem que durante mais de vinte anos se esquecera de sua existência. Era como se um passado cheio de dificuldades e lutas se transformasse em um verdadeiro conto de fadas.

— Nunca imaginei que fosse tão lindo — murmurou, deslumbrada. — Tudo isso... meu.

— Senhorita Latimer, tudo que seus olhos abrangem e o que daqui não se pode ver é seu por toda a vida, minha querida amiga.

Nelly saltou rapidamente da sela. Estava maravilhada, empolgada com o que estava vendo.

E, como se as palavras do advogado fossem um sinal de mau presságio para a jovem, no mesmo momento o estampido de uma detonação ecoou em alguma parte. O cavalo que a moça tinha montado até um segundo antes, soltou um relincho prolongado de agonia e caiu

pesadamente, escoiceando com desespero, enquanto o sangue começava a escorrer de sua cabeça.

Outro disparo ressoou logo em seguida, e desta vez foi Waldron quem exalou um grito rouco e caiu ao solo.

Novas detonações romperam a calma da manhã ensolarada. Nelly estava apavorada e se jogou ao solo exatamente quando os projéteis passavam zunindo à sua volta, a ponto de lhe arrancarem o chapéu que usava.

Peter Waldron tinha recebido o balaço no braço esquerdo, justamente ao lado da omoplata, e o sangue escorria copiosamente do ferimento. Conseguiu arrastar-se até chegar perto da jovem, que estava em pânico. Segurou-a pelo pulso, com força, e a obrigou a deslizar por sobre a relva até o cadáver do cavalo, que naquele instante lhes serviria como um muro de proteção.

— Não entendo o que está acontecendo, senhorita Latimer — sussurrou o advogado, sem um pingo de cor nas faces, olhando à volta e percebendo que atrás de uma rocha havia nuvens muito ralas e azuladas.

Pelo menos sabia onde o covarde ou os covardes estavam escondidos.

— Senhor Waldron, começo a desconfiar de que nem tudo que me aconteceu durante a viagem tenha sido apenas coincidência... Bem que me falaram que não era, mas não quis entender... Só agora começo a ver as coisas de modo diferente.

— A que se refere? — indagou o advogado, com estranheza, enquanto novos disparos ressoavam pelo descampado, e algumas das balas penetravam na carne do animal morto que os protegia.

— Não adianta falar disso agora. Primeiro vamos tentar sair daqui com vida — respondeu a moça, encostando os cabelos dourados no pelo do animal.

Eles se calaram. Os estampidos prosseguiam. Eram de revólver e rifles de repetição. Sem dúvida alguma os malditos estavam usando Winchester. A situação cada vez se tomava mais difícil para ambos, e só com muita sorte sairiam dali são e salvos.

Peter Waldron, com a ajuda da moça, conseguiu amarrar o lenço como torniquete à volta do braço, para evitar uma hemorragia.

— E pensar que não carrego uma arma para defendê-la, senhorita — lamentou-se o advogado.

Nelly encolheu os ombros com resignação. Ia responder quando, repentinamente, uma arma troou com uma voz que em nada se assemelhava aos estampidos secos dos rifles. Era um som mais profundo e longo. Quase em seguida, ambos ouviram gritos, gemidos e correrias.

— O que pode estar acontecendo com eles? — perguntou Nelly, com voz mais assustada.

— Não sei. São disparos, mas não estão vindo em nossa direção — disse Waldron, esperançoso.

Não estava enganado, porque atrás dos rochedos continuavam disparando em duas posições diferentes. Pelo menos dois rifles tinham silenciado. Um único Winchester continuava ladrando com rapidez e fúria, enquanto apenas um Colt respondia com igual furor.

Após uns poucos minutos, ambas as armas silenciaram. Nelly e Waldron se olharam com apreensão. Por detrás dos rochedos surgiu uma pessoa que levantou o braço com um volumoso Colt ainda fumegante na mão.

— Ei, vocês aí — gritou. — Já podem sair, pois a função terminou!

— Dusty Miller! — exclamou Nelly, com entusiasmo, levantando-se imediatamente.

Depois agitou os braços e o chamou em altos brados:

— Dusty Miller, estamos aqui! O senhor Waldron está ferido!

O rapaz começou a descer a lombada, repondo as balas no tambor da arma.

— Era disso que eu tinha medo. Quando alguém no povoado me disse que vocês tinham vindo para cá, a fim de que a herdeira percorresse as terras que pertenceram a seu pai, logo imaginei o pior — murmurou a meia voz.

Acabou de descer o rochedo, que não era muito alto, e se aproximou deles. A moça o fitou com gratidão e sussurrou:

— Parece que estas casualidades estão se tomando um hábito... E felizmente o meu anjo protetor sempre chega a tempo para salvar-me... Esta foi a terceira vez, e já não sei mais o que dizer-lhe:

— Pois então fique caladinha e não diga nada — sorriu Dusty. — Não sei por que o perigo vive rondando você, Nelly. Lá em cima estavam três sujeitos armados de rifles, e não pareciam fazer parte de algum comitê para lhe dar. as boas-vindas.

— Creio que agora já lhe estou dando carradas de razões — respondeu, muito séria. — Estou achando que são muitas coincidências seguidas... Só agora sei o que me quis dizer quando chegamos em Gila Bend.

— Fico satisfeito em saber que finalmente está de olhos abertos — respondeu Dusty, quando curvava-se para examinar o ferimento de Waldron. — A partir de hoje, deverá manter-se bem alerta, porque sabe que alguém está querendo retirá-la do mundo dos vivos, e até posso identificar o motivo de agirem como estão agindo. Não tenho dúvidas de que a herança é o pivô de tudo. Senhor Waldron, o ferimento foi somente superficial. O projétil atravessou a carne, mas não pegou o osso. Em poucos dias

estará bem, mas não se esqueça de que poderiam tê-lo matado. A pessoa ou as pessoas que estão lutando para Luke Slade ser o herdeiro de Thomton não se deterão diante de nada para atingir seus propósitos... Vejam, alguém está vindo para cá — disse o rapaz, destravando o Colt novamente.

A moça e o advogado olharam para onde ele apontava.

Uma carruagem corria a toda velocidade e na boléia estavam duas pessoas. Uma mulher, que segurava as rédeas, e um homem armado com rifle.

— São os Bellamy — disse Waldron quase em seguida. — Com toda certeza escutaram os disparos. Moram na propriedade aqui do lado...

Dusty travou o Colt ao reconhecê-los. Eram Hasper e Susan Bellamy. A mulher freou o carro, o marido saltou. Parecia preocupado, e perguntou:

— O que aconteceu aqui, Waldron? Ouvimos o tiroteio e viemos correndo.

— Um grupo tentou assassinar-nos, a mim e à senhorita Latimer. Hasper, deixe-me apresentá-la à herdeira de Slade e sua nova sócia, Nelly Latimer. Senhorita, esse é Hasper Bellamy, e a senhora que veio dirigindo o carro é sua esposa, Susan Bellamy.

— Tenho prazer em conhecê-la, querida, mas esperava que nosso encontro fosse acontecer de forma diferente — disse Susan, acenando cordialmente. — Felizmente conseguiram salvar-se. Os agressores fugiram?

— Não — respondeu Dusty, secamente. — Todos os três estão mortos, atrás daquela lombada. Eu os matei.

— Dusty Miller, você voltou! — exclamou Hasper Beilamy, com surpresa.

— Sim, senhor Beilamy. Estou novamente em Gila Bend. Não pense que fugi da prisão. Recebi um indulto

legal e sou livre para ir aonde quiser. Porém não precisa ficar apreensivo porque não vim para implorar-lhe um trabalho.

— Nada tenho contra você, Miller — falou Beilamy, em tom conciliador. — O velho Thomton não foi legal com você, mas não tomei partido algum quando aquelas coisas aconteceram...

— Meu pai não o tratou com consideração? — perguntou Nelly, com voz aborrecida. — Dusty, se quiser trabalho ou seja o que for, só precisa dizer-me. Minha gratidão por você é imensa, e quero que sejamos amigos. Amigos para todas as horas, você sabe.

— Obrigado, Nelly, mas não vou pedir-lhe uma compensação pelas coisas que aconteceram. O meu problema com seu pai já é uma velha história, que não vem ao caso — falou, olhando para Hasper. — Ontem à noite também tentaram matar-me, senhor Beilamy. E não creio que os valentões que tentaram matar a senhorita Latimer, tenham alguma ligação com os que quiseram me pôr fora de cena. Como pode ver, Nelly, todos nós temos inimigos pessoais. O xerife Hartman ficou com a expressão transtornada quando lhe entreguei os cadáveres, nesta madrugada. Eram dois pistoleiros de aluguel que tentaram eliminar-me de surpresa.

— Você está sugerindo que Hartman estava envolvido com eles? — perguntou o advogado, escandalizado.

— Tudo é possível — sorriu Dusty, friamente. — Mas não estou acusando ninguém. Simplesmente, espero que os responsáveis acabem escorregando e se desmascarando... Sei que isso é o que irá acontecer, mais cedo ou mais tarde, e então todos nós ficaremos sabendo quem é ou quem são os personagens que desejam a morte da senhorita Latimer.

— Não acredito que alguém deseje tal coisa! — exclamou Hasper Bellamy, alarmado. — Deve tratar-se de um fato casual, talvez um ataque de alguns foragidos.

— Infelizmente, tenho quase certeza de que o caso é outro — respondeu Dusty Miller. — Nestes últimos dias, esta foi a terceira vez que atentaram contra a vida da senhorita Latimer, herdeira inesperada de Thomton Slade. Eu não poderia considerar isso como obra do acaso.

— Por que todos não vêm à minha casa para tomarmos alguma coisa e nos acalmarmos? — sugeriu Susan, gentilmente. — Antes de casar-me com Hasper, trabalhava como enfermeira e posso fazer um curativo no braço de Waldron. O que me dizem?

— Acho a idéia excelente — aceitou o advogado. — O que a senhorita decide?

— Aceito, com uma condição: o senhor Miller também virá conosco.

— Evidente. Quando os convidei, o convite era extensivo a ele — disse Susan com um sorriso.

— Claro que sim — apressou-se em confirmar o marido, olhando para Dusty. — Não há inconveniente algum nele frequentar minha casa. Sempre pensei que o assassino não era ele e nem tampouco o considerei como um pistoleiro vulgar, como o acusaram o xerife Hartman e o juiz Burice, que presidiu o julgamento. Venha conosco, Miller. Sempre será bem recebido em minha casa.

— Obrigado — agradeceu Dusty. — O senhor é a primeira pessoa amável que conheço em Gila Bend, senhor Bellamy.

— Pare com tantas mesuras, rapaz — interveio Susan, ainda na boléia do carro. — Endosso as palavras de meu marido, você sempre será bem-vindo em minha casa. Nunca simpatizei com Hartman ou com seu amigo Stanton, o dono

da cantina... Sei que também não gosta deles. Estou certa ou errada?

Dusty confirmou com a cabeça e acompanhou os outros, andando para a carruagem.

CAPÍTULO SÉTIMO

Isso vai ajudar as eleições...

Walt Stanton levantou a cabeça e olhou para a porta quando ouviu o chiado das dobradiças que eram empurradas para dentro. Em seguida, viu um homem parado no portal sob o sol intenso da tarde.

Não havia ninguém andando pelas ruas de Gila Bend durante o horário da sesta, um costume mexicano que a maioria dos moradores do Arizona cumpria religiosamente.

O copo que o cantineiro estava lavando caiu e se transformou em um monte de cacos quando bateu no chão. Stanton engoliu em seco e balbuciou:

— Dusty Miller, você aqui!

O recém-chegado se aproximou do balcão, com olhos gelados, sorriu e disse com ironia:

— Percebo que continua com uma boa memória, Stanton. É daqueles que quando vêm uma cara jamais a esquecem, sempre foi assim, não foi?

— Sua cara ninguém esquece com facilidade — respondeu o cantineiro, sem se mostrar muito hospitaleiro. — O que veio fazer aqui?

— O que faz uma pessoa quando entra numa cantina? — riu Dusty. — Quero uma cerveja para matar a sede.

— Posso servi-la agora mesmo. Imagino o calor que não está sentindo, porque o sol está de morte — respondeu

Walt Stanton, apanhando um dos copos que tinha acabado de lavar, para enchê-lo.

— O calor na pedreira de Yuma era mais forte.

A mão de Stanton tremeu visivelmente, mas conseguiu colocar o copo em cima do balcão, sem derramar muito líquido no chão.

— Só veio para beber? — perguntou. — Sempre pensei que preferisse a birosca de Belle à minha.

— Nunca escondi que sou amigo de Belle, que sempre vou vê-la... Você tinha tanta certeza de onde poderia encontrar-me, que mandou seus amigos lá esta noite, não foi?

— Não sei do que está falando — disse Stanton rapidamente e, logo em seguida, continuou: — Espere... Nada tenho a ver com os cadáveres que entregou ao representante da lei. Você não tem direito de acusar-me, Dusty!

— Não? E quem enviou os irmãos Riordan para me liquidarem, com o pretexto de um desafio em plena rua? Foi você, foi Hartman, ou ambos de comum acordo resolveram aquilo?

— Se veio para ameaçar-me, está perdendo seu tempo — murmurou o cantineiro. — Já foi castigado pela lei, e nada tive a ver com aquilo também.

— Tenho minhas suspeitas. Você nunca me perdoou porque Maisie gostava de mim. E agiu como um miserável ciumento. Mas hoje não vim aqui por causa disso. Ouvi comentários, na casa de amigos, de que você e Luke Slade agora têm uma grande amizade.

— Eu, amigo de Luke? Que besteira! — respondeu Stanton, encolhendo os ombros. — É um freguês assíduo que gasta à beça, sem ter dinheiro para pagar. Já me deve

uma quantia considerável, e espero que me pague tudo quando receber o legado que herdará do tio.

— Claro, claro. Mas se, por acaso, ele recebesse toda a fortuna deixada pelo tio, seria muito melhor para você, porque Luke acabaria gastando todo o dinheiro aqui no seu bar...

— Não tem o direito de insultar-me, Dusty. Anda armado, é um bólido quando pega um revólver, e não posso defender-me. Não é honesto que me culpe.

— Tampouco o é pagar a pistoleiros para se livrar de um rival, Stanton. Conhece vários vigaristas que matariam até a mãe por um punhado de dólares. Não pense que vim para matá-lo, embora mereça cinco balas à queima-roupa.

— Afinal, o que quer comigo?

— Saber quem em Gila Bend poderia ter contratado um grupo desses homens para assassinar uma mulher.

— Não entendo... Por que diz isso? — os olhos do cantineiro se entrecerraram, enquanto mordia os lábios.

— Acontece que uma jovem herdeira já se livrou da morte três vezes seguidas nestes últimos dias. Primeiro foi em Yuma: apareceu um suposto bêbado que apertava o gatilho com maestria. Horas mais tarde, a diligência foi assaltada pelo bando de Shake Nolan, que, na realidade, não pretendia assaltar-nos, mas liquidar a jovem Nelly Latimer. E há pouco menos de duas horas, próximo da Fazenda Slade, três sujeitos tentaram novamente matá-la. O resultado lhes foi funesto. Agora, todos apodrecem sob este sol inclemente e acabarão servindo de carniça para os abutres. Na minha opinião são muitos pistoleiros visando a uma única vítima. Alguém os deve estar pagando para matarem a jovem herdeira. E estou disposto a averiguar isso até o final, mesmo que esta seja minha última atividade neste mundo.

— Pode fazer o que quiser, mas nada tenho a ver com um assunto tão sujo. Nada tenho a ver com os Slade ou seus problemas.

— Entendo, mas quem falou que "você" tinha ligação com o caso? — riu Dusty com bom humor. — Só sugeri que talvez conhecesse a pessoa que está contratando os profissionais para realizarem o "trabalho". Por que não colabora comigo?

— Creia, Dusty, faria isso se soubesse alguma coisa, mas sei tanto quanto você. Quer saber a verdade? Desconhecia os fatos que acabou de contar-me, mas prometo fazer indagações e, assim que souber de alguma coisa que possa interessá-lo, entro em comunicação com você. Shake Nolan só esteve aqui uma vez, mas não demorou em Gila Bend. Sua cabeça vale dinheiro, não sei se sabe disso?

— Sei, sim, mas pode ser alguma outra pessoa que você esteja protegendo. Quem recebeu dinheiro para matar a filha de Thomton Slade não deve estar muito longe daqui e nem alheio a esta nova tentativa de assassinato. Os tipos que estão apodrecendo me recordaram os homens que acompanhavam Shake Nolan quando a diligência foi assaltada, embora agora não usassem lenços cobrindo as caras. Vim aqui somente para pedir sua colaboração. Se descobrir alguma coisa, passe-me a informação. Fará isso?

— Já disse que farei.

Dusty Miller tomou a cerveja, pôs uma moeda sobre r balcão e se encaminhou para a saída. Já estava perto da porta, quando outra se entreabriu no andar superior da cantina, e o cano de um rifle surgiu lentamente.

Walt Stanton, completamente alheio, continuava lavando os copos. O rifle se moveu para ajustar-se ao alvo.

Um estampido ecoou, mas Dusty rapidamente se deixou cair de joelhos no chão. A bala passou silvando por cima de sua cabeça e foi estilhaçar a porta envidraçada. Se não tivesse agido com uma rapidez quase felina, teria recebido o projétil no peito.

O rapaz apanhou o Colt, sem mover-se, e disparou três vezes seguidas, ante o estupor do cantineiro, que parecia não compreender o que estava acontecendo.

A porta do corredor superior foi aberta totalmente, e um homem apareceu com um rifle fumegante, que segurava com alguma dificuldade, pois sua mão direita estava enfaixada até à altura do pulso. Seu rosto naquele instante estava coberto de sangue, e os olhos negros se tomavam opacos com a aproximação da morte.

Acabou perdendo o equilíbrio e se precipitou pelo corrimão. Foi estatelar-se sobre duas mesas, que se espatifaram com seu peso.

Stanton estava branco e parecia assustado quando olhou para Dusty.

— Reconheceria esses olhos onde os encontrasse — falou o rapaz. — Sei que são de Shake Nolan, o bandido que nos atacou na estrada. O que ele fazia em sua casa, Stanton?

— Juro que não sei... — gemeu o cantineiro. — Não entendo como conseguiu entrar sem ser visto... Talvez estivesse seguindo você.

— Está mentindo. Sabia que ele estava escondido lá em cima, porém não o julgava tão imbecil. Atacou-me pelas costas, sem notar que eu tinha uma porta envidraçada à minha frente. Foi este espelho inesperado que me salvou, pois refletia o que estava acontecendo em toda a sala. Não gosto de dar chances a miseráveis como você, e sempre procuro resguardar-me.

— Dusty, juro que não sabia que Shake estava aqui.

— Claro que sabia, canalha! E as coisas que aconteceram também me deram a resposta que eu estava procurando. Era você quem contratava os pistoleiros que deviam liquidar a herdeira de Thomton. Agia como intermediário, porque não creio que tivesse algum interesse pessoal no assunto. Quem estava pagando a este pistoleiro? Quem lhe deu ordem para contratar Shake Nolan e seus comparsas? Vamos, fale de uma vez, ou acabo com você, miserável!

— Juro como não sei nada...

— Que disparos foram esses? — perguntou alguém que acabava de chegar.

Eles se viraram rapidamente e viram o xerife Hartman, de revólver na mão.

— Chegou bem a tempo, Hartman — disse Dusty. — Entrego-lhe um tipo que já devia estar preso há muito tempo, caso você fosse o xerife que deveria ser. Shake Nolan, era um assaltante que tinha a cabeça a prêmio e ocultava-se na casa de Walt Stanton. Ia assassinar-me pelas costas, mas eu sou rápido como uma águia. Stanton pode ser usado como testemunha.

— Não entendo porque tudo acontece com você, Dusty — Hartman estava irritado. Olhou para o morto e depois para o cantineiro. — É verdade que estava protegendo um homem procurado pela lei?

— Hartman, juro como Nolan entrou sem ser percebido.

— Xerife, não vai prender seu bom amigo? Afinal de contas, ele estava colaborando com um fora-da-lei, e isso é um delito grave.

— Desta vez, tenho que concordar com Dusty — disse o xerife. — Walt, feche a casa porque vou levá-lo preso até que fique esclarecida a presença de Nolan aqui na cantina.

— Não pode fazer isso, Hartman! — exclamou Walt Stanton. — Não acredito que vá dar crédito a acusações feitas por um ex-presidiário!

— Tenho um retrato de Shake Nolan no quadro de "procurados" e o estou reconhecendo. Era um bandido perigoso, que tinha a cabeça a prêmio, e o estou vendo aqui dentro. Acredito que terá sérios aborrecimentos antes de sair desta embrulhada, imbecil.

— Se eu for preso, posso falar muitas coisas, Hartman!

— Cale-se, maldito. Agora terei que prendê-lo, e depois veremos o que poderei fazer para libertá-lo logo em seguida. Trate de fechar a cantina!

Stanton abaixou a cabeça e tirou o avental. Depois abriu uma gaveta que estava atrás do balcão, e Hartman apertou o gatilho sem vacilar. A bala se cravou no coração de Walt Stanton. O moribundo olhou para o amigo com surpresa.

— Por que... Por que você... me... matou? — balbuciou, antes de cair.

— Por que disparou contra ele, xerife? — perguntou Dusty.

— Quando abriu a gaveta, vi logo que ia apanhar uma arma.

— Talvez o tenha matado sem necessidade — replicou Dusty, enquanto se aproximava do balcão.

Rodeou-o, passando por cima do cadáver do cantineiro e abriu a gaveta já meio entreaberta. No interior desta só estavam os óculos e o chaveiro de Stanton.

— Veja, aqui não há armas. Matou Stanton porque tinha medo de que ele falasse algumas coisas que poderiam prejudicá-lo, não é verdade, Hartman?

— Cale-se ou também receberá seu castigo!

— Tenciona assassinar-me também — riu Dusty, com sarcasmo.

— Dusty Miller, não me excite ou então eu...

Os batentes da porta foram empurrados com rapidez. Hartman desviou a arma para o recém-chegado, mas abaixou-a imediatamente quando o reconheceu.

— Cortland, você por aqui? — perguntou.

— Ouvi alguns disparos — falou o recém-chegado, um homem de meia-idade, cabeça branca, roupas elegantes e aspecto agradável. — Como está, Dusty? Você ainda não me conhece, sou candidato ao cargo de xerife nas próximas eleições. Como vê, sou o adversário de Hartman nos comícios. Agora, a morte de Stanton vai prejudicá-lo, não é, xerife?

— Disparei contra ele porque pensei que estivesse apanhando uma arma. Dusty é minha testemunha. Stanton estava protegendo e acobertando em sua casa um foragido procurado pela lei. O cadáver de Shake Nolan comprova minhas palavras.

— Poderia inocentá-lo se você não estivesse a par dos manejos sujos de seu amigo — disse Cortland. — Dusty, estive folheando seu processo e acho que há pontos bem obscuros nas declarações prestadas por Walt Stanton e Hartman. Felizmente, o juiz Burke foi destituído, e creio que podemos pedir uma revisão. Certamente você está reabilitado.

— Agradeço seu empenho, Cortland, mas embora minha inocência fique comprovada, ninguém poderá restituir-me o tempo que passei em Yuma. Agora, quanto às mortes que ocorreram há minutos, só poderei declarar o que vi. Stanton protegia um criminoso, e Hartman matou o

amigo depois que este ameaçou falar tudo que sabia sobre ele.

— Se as sindicâncias e o julgamento ocorrerem com alguma rapidez, antes da próxima eleição, Hartman será derrotado nas umas. Dusty, venha comigo, vamos conversar um pouco. Deixemos Hartman cuidando de seus mortos.

Quando ambos iam transpor a soleira da porta, o xerife falou uma coisa que aborreceu Dusty profundamente.

— Eu me esqueci de avisá-lo. Hoje recebi um telegrama assinado pelo diretor da penitenciária de Yuma. Era para você, mas vinha dirigido a mim. Avisava que um tal de Morgan Kelly fugiu daquela prisão.

O rapaz não respondeu, mas sentiu um friozinho correndo por sua espinha dorsal.

CAPÍTULO OITAVO

Um amigo para qualquer hora

Nelly se debruçou na cerca de madeira e contemplou a paisagem à sua volta com prazer e incredulidade. Ainda não acreditava que tudo aquilo pudesse ser seu. A fazenda era maravilhosa, e ela era a proprietária, a senhora absoluta de tudo que havia herdado do pai.

— Não acredito. Em certos momentos ainda tenho a impressão de estar sonhando e penso que, quando acordar, descobrirei que tenho que viver uma vida tão difícil e miserável como foi a de minha mãe — murmurou com lágrimas rolando pelas faces. — Ela adoraria ter vivido aqui.

Porém, no mesmo instante, reagiu e falou em voz alta:

— Não estou sonhando, e isso tudo é real! Sempre desejei conhecer meu pai. Ele nunca me ligou, nunca me procurou e, no fmal da vida, resolveu me deixar tudo que havia conseguido com seu espírito batalhador. Minha vida mudou. Agora tenho quase um quartel de homens a meu serviço. Hoje de manhã, todos eles estão trabalhando longe. Alguns cuidando do gado, outros das plantações e outros estão nas minas de cobre.

Em seguida, caminhou pelo pátio onde estavam as cocheiras vazias, os alojamentos dos peões, o celeiro, numa

bagunça danada... Sorriu. Sempre desejara morar num rancho, mas nunca numa fazenda.

— Será que meu primo Luke é quem está contratando os pistoleiros para me matar? — murmurou, de repente. — Ainda nem nos conhecemos, mas ele já disse que não me quer ver... Imagino que deva odiar-me, mas seu ódio será tão grande a ponto de desejar minha morte? Eu nunca devia ficar sozinha...

Naquele instante, voltou-se assustada quando ouviu o ruído de patas batendo no cascalho que recobria o caminho. Porém respirou aliviada ao ver a carruagem dos Bellamy chegando. Como sempre, era Susan quem estava na boléia, sorrindo e lhe acenando.

— Olá, querida — quase gritou, quando o carro já estava mais perto. — Ainda continua sonhando acordada?

— Acertou em cheio, pois agora mesmo eu me perguntava se tudo isto é realmente meu. Às vezes, penso que estou sonhando.

— Nelly, pise no chão firme e encare a verdade! Tudo o que seus olhos abarcam é seu! — riu a senhora Bellamy, saltando do carro. — Ficou aborrecida por eu ter vindo visitá-la?

— Ao contrário, Susan. Estou sozinha, e você se lembra do que Dusty disse ontem em sua casa? Ele tem medo de que a ataquem de novo.

— Querida, não devia ficar sozinha hora nenhuma. Já pensou se alguém chega e aproveita a ocasião?

— Já pensei e prometi a mim mesma que isso nunca mais vai acontecer. Vou designar dois ou mais homens para ficarem aqui nas proximidades da casa quando eu estiver na fazenda. Vou tomar minhas precauções, vou seguir os conselhos de Dusty.

A visitante sorriu com picardia e comentou com malícias:

— Desconfio que alguém simpatiza muito com ele, não é, Nelly?

— É — respondeu a jovem, sentindo as faces pegarem fogo. — Ele é um rapaz corajoso e decidido...

— Estive pensando em outro aspecto. Sabe o que pensei?

— Como posso saber, se não me dá uma pista? — perguntou a moça. — Fale logo de uma vez!

— Acho que os dois dariam um belo casal — respondeu sua nova amiga, risonhamente. — Nunca pensou em casar-se, minha querida?

— Como posso pensar em casar se nem noivo tenho e se não conheço ninguém aqui em Gila Bend?

— Conhece Dusty Miller, não é o suficiente?

— Dusty... Dusty talvez se casasse comigo antes... É muito orgulhoso. Não tem nada, nem emprego, e jamais iria unir-se a uma mulher rica como sou agora. Tenho certeza de que não faria isso.

— Essas dificuldades desaparecem quando surge o amor, acredite em mim, queridinha — riu Susan com bom humor. — Tenho certeza de que Dusty seria um capataz exemplar para a fazenda. Talvez até aceitasse ser seu sócio e, neste caso, participaria dos lucros. Vai precisar de um homem enérgico para dirigir seus negócios aqui na fazenda, porque a mina está indo muito bem sob a direção de Hasper. Pode confiar em meu marido. Mas, na fazenda, você está sozinha, só com os empregados e sem uma mão férrea para dirigi-los.

— Reconheço que tem razão. Vou pensar no assunto mais detidamente — admitiu Nelly. — A mina realmente não me preocupa. Seu esposo me parece um homem capaz

e íntegro. Amanhã repassarei sua contabilidade e tudo o mais. Disseram-me que meu pai tinha pavor de números, mas eu os adoro. Claro que meu exame será uma mera rotina, porque sei que o senhor Bellamy é honesto. E me disse que já revisou totalmente as contas do último balancete.

— De fato, Hasper, não é por ser meu marido, é um homem minucioso e honesto — disse Susan com orgulho. — Que tal se fôssemos dar um passeio, enquanto continuamos nossa conversa?

— Acho ótimo, porque assim poderei ver outras coisas de meu domínio que ainda desconheço — respondeu a jovem, alegremente. — Qualquer coisa será melhor do que ficar aqui sozinha até a volta do pessoal. Uma turma só deverá chegar ao meio-dia.

Subiu no carro, rindo satisfeita. Susan açulou os animais, e estes partiram a trote.

* * *

— Parece que está enganado, Miller. Nada tenho a ver com as coisas que estão acontecendo.

— Sinceramente, gostaria de poder acreditar em você Slade. No entanto, se sua prima for assassinada, quem mais, além de você, será beneficiado com seu desaparecimento?

Luke Slade estava amedrontado, e praticamente dominado pelo visitante, que o mantinha imobilizado, segurando-o pelas lapelas da casaca.

— Aquela moça não é minha prima! — respondeu furioso. — Gostaria que ela fosse para os quintos do inferno, mas nunca me passou pela cabeça a idéia de contratar pistoleiros para enxotá-la para bem longe daqui. E

como poderia contratar esse mundo de homens, se não tenho um centavo?

— Isso é o de menos, pois alguém poderia emprestar-lhe o dinheiro. Walt Stanton, por exemplo — sugeriu Dusty Miller.

— Walt é o último que me emprestaria dinheiro. Estou lhe devendo uma soma mais ou menos alta, e ele vive com ameaças de que acabará me denunciando por falta de pagamento.

— Descanse, porque ele nada mais fará no inferno. Hartman o matou.

— Impossível! — exclamou o rapaz, horrorizado. — Como isso pôde acontecer, se ambos eram tão amigos?

— Sei que eram amigos, tão amigos que Hartman teve medo de que se Stanton fosse preso, acabasse pondo a boca no trombone. Agora já não tem condições para ganhar a eleição, e, se eu descobrir que você está envolvido nos atentados sofridos pela moça, mato-o. Escutou, Slade?

O rapaz estava em seu normal, porque vivia embriagado, mas ainda conseguia raciocinar.

— Dusty Miller, já disse que nada sei sobre isso! — falou com voz meio engrolada. — Lamento não ter tido essa idéia quando soube que ela tinha ficado com tudo o que devia ser meu.

— Que absurdo! Somente você seria beneficiado se Nelly Latimer morresse de hoje para amanhã.

— Não só eu, não senhor. Conheço alguém que teria vibrado se eu tivesse sido o herdeiro do tio Thomton.

— Quem, Luke? Quero saber de tudo — falou Dusty, quase febrilmente.

— Hasper Bellamy — riu o bêbado. — O sócio da herdeira. Até um bestalóide compreenderia que ele roubava meu tio. E, se eu fosse o herdeiro, continuaria roubando

porque não sou amigo de contas, mas a garota da Califórnia é professora e deve entendo de contabilidade.

— Pensava que Bellamy fosse honesto.

— Aparenta ser, mas sei que não. Uma vez quase o acusei, mas senti medo de sua esposa. Ela é terrível. A primeira esposa de Hasper morreu quando o cavalo que montava se precipitou em um abismo. E tenho certeza de que foi Susan quem forçou aquela queda para ter campo livre. O casamento ocorreu meses mais tarde, mas Hasper é um boneco em suas mãos. Ela seria capaz de matar outra pessoa para ocultar as fraudes do marido.

— Slade, se me deu uma pista certa, prometo que virei desculpar-me. Preciso agir com rapidez! Empreste-me um cavalo.

— Apanhe o meu, que está amarrado na barra, e boa sorte.

Dusty Miller montou com um salto e saiu a galope.

* * *

— O que aconteceu? Onde estou? — foram as primeiras palavras que Nelly pronunciou ao recobrar o conhecimento.

Quis mexer-se e viu que estava fortemente amarrada à cama de ferro. E foi então que se recordou muito vagamente do que havia acontecido.

— Por que fez isso comigo, Susan? — gemeu.

— Vejo que a pombinha já voltou a si — falou a voz de Susan Bellamy com aspereza, em um tom bem diferente do afetuoso e suave de antes. — Está gostando de minha casa, queridinha?

— Susan, por que me deu aquele soco quando a carruagem atravessava o deserto, e por que estou amarrada?

— Minha queridinha inocente, não imagina que sua chegada só nos vai criar problemas? Percebi que estes iam surgir no momento em que soube que você é professora de matemática e amanhã, quando fosse revisar os balancetes fechados por Hasper, ia encontrar erros absurdos que somente o velho Thomton ou Luke não encontrariam. Meu marido enriqueceu porque há anos vem ganhando até setenta e cinco por cento da produção das minas. Fizemos um bom pé-de-meia, que não existiria se ele tivesse ficado com os cinco por cento que o patrão lhe oferecia. Não se preocupe, seus sofrimentos não serão longos. Dentro de minutos, chegarão alguns pistoleiros para eliminá-la. Espero que desta vez seu amigo não se intrometa nos meus planos. Você será levada para longe daqui. Será morta e, quando encontrarem seu cadáver, todas as culpas recairão sobre a cabeça de Luke, entende?

— Está pensando em assassinar-me, Susan?

— Não, não vou sujar as mãos com seu sangue... Os homens farão isso — riu a senhora Bellamy.

Passadas ressoaram pela casa e, dentro em pouco, dois tipos com aspecto de açougueiros entraram no quarto.

— Ela é de vocês — disse Susan secamente. — Já sabem o que deverão fazer. Podem sair agora, porque neste horário todos estão trabalhando. Andem depressa, pois não quero ter aborrecimentos.

— Não se preocupe, senhora — disse o mastodonte que já tinha posto a moça no ombro. — Dentro de meia hora estará tudo terminado.

Seu companheiro abriu a porta do quarto. Os homens saíram para o alpendre. Um carroção já os esperava na frente da casa e seria usado para esconder a carga valiosa.

Os pistoleiros desceram os degraus do alpendre e, naquele mesmo instante, Susan escutou uma voz de homem, forte e agradável:

— Bom-dia, senhora Bellamy. Vejo que tem visitas muito simpáticas. Aonde vão levar sua amiguinha Nelly Latimer com modos tão educados?

— Miller! Desgraçado, mais parece um fantasma que só surge nas horas inoportunas! — gritou Susan, com ódio e pavor.

O pistoleiro que carregava a moça, soltou-a para sacar a arma, e Nelly caiu no chão. Três armas ladraram contra o ex-presidiário, mas Dusty também não tinha perdido tempo, e o Colt já brilhava em suas mãos.

Línguas vermelhas de fogo se cruzavam no ar. Apesar de estar defrontando-se contra três pessoas, Dusty tinha mais técnica.

Quase que imediatamente os pistoleiros foram atingidos e caíram com as camisas vermelhas de sangue.

A senhora Bellamy, no entanto, também era rápida no gatilho. No primeiro disparo conseguiu ferir o ombro de Dusty. O rapaz não lhe deu chance de usar a segunda e última bala da Deringer de aspecto inofensivo, que tinha tirado dos seios.

Seu Colt “45” rugiu pela sexta vez. O balaço foi implacável, era seu último projétil, e a vida de Nelly estava correndo perigo.

Nunca antes tinha matado uma mulher, mas sempre havia repetido que os assassinos podiam ser comparados com répteis venenosos que não tinham sexo. Disparou, e a bala perfurou o peito da esposa de Hasper Bellamy.

— Você é um porco, Dusty Miller... Não... não tem vergonha de atirar numa mulher?

— Para mim isso está sendo uma experiência ainda desconhecida, mas ou a matava ou nós dois morreríamos.

— Você... vai... pagar caro... — Susan quase não pôde terminar a frase, pois caiu morta.

Só então, ele olhou para Nelly Latimer, que continuava no chão, toda imobilizada, de mordaça, e com as faces banhadas de lágrimas.

Ele soltou o Colt, ao ajoelhar-se a seu lado, e apanhou uma faca para cortar as ligaduras que imobilizavam seus movimentos. Em seguida, também tirou-lhe a mordaça.

Nelly agora chorava copiosamente, soluçava alto, quase às raias do histerismo provocado pelo pânico.

Abraçou-o impulsivamente e continuou chorando com a cabeça' apoiada em seu ombro.

Dusty se sentia emocionado. Via o peito de sua camisa encharcar-se com as lágrimas. Levantou a mão lentamente e começou a acariciar os cabelos dourados.

— Dusty, Dusty, meu querido, mil vezes obrigada... Você é maravilhoso... — balbuciou ela, entre soluços. — Se não fosse você, já estaria morta. Por favor, prometa-me que nunca mais vai afastar-se de mim. Vou precisar de sua presença pelo resto de minha vida.

— Vamos, fique calminha, você agora já não precisa de mais ninguém.

— Não preciso de ninguém, mas sempre vou precisar de você!

O coração do homem bateu mais depressa, mas no mesmo momento a voz da razão falou mais alto, dizendo-lhe:

— Ela agora não sabe o que fala. Está excessivamente nervosa.

Respirou mais fundo e murmurou ao seu ouvido:

— Nelly, ninguém mais vai prejudicá-la. Vai viver uma vida repleta de felicidade...

— Só se você estiver a meu lado.

— Miller, nem adianta prometer o que não terá tempo para cumprir. A partir de agora, já não poderá mais ajudar pessoa alguma.

Dusty soltou a moça e virou-se rapidamente, ao escutar aquela voz conhecida e desagradável às suas costas.

E foi então que se recordou de que estava desarmado.

Quase em seguida, escutou o clique do Colt, ao ser destravado, e viu que a arma estava apontada para sua cabeça.

Olhou para o homem parado a poucos metros de distância e novamente sentiu um calafrio percorrendo-lhe a coluna.

— Morgan Keller, conseguiu encontrar-me!

— Só depois de percorrer vários estados, cidades e regiões. Gastei vários dias, mas consegui encontrá-lo — silabou o criminoso de arma apontada para o peito do adversário. — Naquele dia, quando frustrou o nosso plano de fuga, jurei que me vingaria. Acho que colaborou com os guardas do presídio pensando no indulto que certamente receberia, como recebeu logo em seguida. Sempre foi um velhaco sórdido, Dusty Miller!

Keller calou-se, e seus dedos começaram apertar o gatilho.

Nelly parecia cada vez mais nervosa, e ele sabia que estava perdido, nada podia fazer senão esperar a chegada da morte...

* * *

O disparo retumbou, cortando o silêncio e a quietude da manhã. O eco foi se repetindo pelas rochas e, desse modo, foi se distanciando cada vez mais.

Dusty estremeceu. Estava esperando o impacto mortal na cabeça ou no peito e continuava sem sentir dor, picada de chumbo... nada.

Foi ficando surpreendido e olhava para os lados, sem entender o que havia acontecido, ou ainda estava acontecendo, porque o eco do disparo continuava retumbando.

Olhou para o implacável verdugo e, só então, notou que Morgan Keller estava cambaleando à sua frente.

Seus olhos ainda reluziam, mas já estavam perdendo a expressão, apagando-se lentamente.

O bandido ainda fez um esforço sobre-humano, e a mão bem trêmula apertou o gatilho da arma que mal conseguia suster.

A língua de fogo chamuscou e a bala foi se enterrar próxima a seus pés, enquanto os dedos da mão se abriam e soltavam o Colt.

Logo em seguida, seu corpo rodopiou, e ele foi caindo lentamente. Só quando ficou estendido no solo, Dusty e Nelly perceberam que ele tinha um ferimento na nuca, próximo da orelha direita. Alguém, um anjo protetor, o tinha matado e, só desse modo, Dusty pôde salvar-se.

Ainda estava perplexo, sem poder acreditar no que havia acontecido.

Girou a cabeça para olhar à sua volta e foi então que viu um homem de cabeça branca, mais gordo do que alto, usando uma casaca muito elegante, sorrindo-lhe. Estava parado perto de uma árvore e continuava com o revólver entre os dedos.

— Creio que cheguei bem a tempo — falou Cortland, o candidato ao cargo de xerife, começando a andar para onde eles estavam.

— Você foi nosso anjo protetor, Cortland — murmurou Dusty. — Nós lhe devemos a vida.

— Felizmente pude chegar a tempo — repetiu. — Se me demorasse mais um segundo, talvez tivesse chegado tarde demais.

— Não sei como podemos agradecer-lhe...

— Não me agradeça, Miller. Ou quer ser o único salvador do mundo atual? — riu o outro.

— Como soube que nos ia encontrar aqui?

— Luke foi procurar-me e me relatou o que havia confessado a você.

— Ele me disse que não confiava em Hasper Bellamy e...

— Também me disse que não confiava em Hartman e me pediu que viesse ajudar vocês.

— Se lhe fez esse pedido, é porque não me odeia tanto como eu pensava — murmurou a moça. — Quem dera pudéssemos ser amigos algum dia.

— E serão, senhorita Latimer. O melhor conselheiro do homem é o tempo. Espere, espere, e esse dia chegará.

Depois, ele se virou para Dusty e perguntou:

— No final a senhora Bellamy era a culpada pelos atentados?

— Sim, procurava proteger o marido, que há anos vinha roubando o patrão. Tinham medo de ser descobertos.

— Miller, vou levá-lo ao povoado porque está perdendo muito sangue.

— Isso é coisa sem importância — respondeu, sorrindo ainda abraçado à jovem. — Daria minha vida para salvar Nelly Latimer...

— Dusty, promete que nunca mais vai me deixar sozinha? Eu vou precisar de você, como amigo, como sócio e como meu capataz... Quero você perto de mim durante as vinte e quatro horas do dia!

— Carinho, não está exagerando um pouco?

— Afinal, você é ou não é meu amigo? Quero que me dê uma resposta agora mesmo!

Cortland ajudou-o, enquanto caminhavam para a carruagem que ele tinha trazido, e Nelly continuava agarrada ao ferido.

— Entendo o que está acontecendo — riu o candidato a xerife. — A senhorita Latimer quer que você seja amigo de todas as horas do dia, sejam estas ao entardecer, anoitecer, mas principalmente ao... alvorecer, meu amigo.

— É isso que você quer, Nelly? — perguntou Dusty, fitando-a com amor.

— Isso tudo e o céu também, meu querido. Você aceita ser o meu braço direito?

— Sabem do que mais? — falou Cortland às risadas. — Volto para Gila Bend a pé, e vocês dois irão no meu carro, porque não gosto de estar presente quando dois pombos arrulham.

FIM

A seguir UM SUJEITO VALENTE
Não perca!

APRENDA ESPANHOL!!!

Amigo leitor:

Calcula-se, que, até o fim do século, o espanhol sej falado por *550 milhões de pessoas*. Atualmente, este idioma é utilizado oficialmente nas Nações Unidas em todos os seus organismos. Países como a China, Japão e Estados Unidos, possuem centenas de Universidades que cursam o ensino desta língua.

Ciente da importância do seu uso, o governo brasileiro enviou ao Congresso Nacional Projeto-lei que torna obrigatório o seu ensino nas escolas de 1º e 2º Graus.

Não perca a oportunidade de aprender o espanhol de forma leve e gostosa, através da coleção de bolsilivros que a Editora Monterrey está colocando a sua disposição nas bancas de jornais de todo o país.

O Editor

Editora Monterrey Ltda.

PREÇO DESTE EXEMPLAR: